



CATÓLICA PORTO  
EDUCAÇÃO E PSICOLOGIA

*ESTRATÉGIAS DE ADAPTAÇÃO À EXPERIÊNCIA  
DE SEM-ABRIGO: UM ESTUDO DE CASO*

Dissertação apresentada à Universidade Católica Portuguesa para obtenção do  
grau de mestre em Psicologia

-Especialização em Psicologia da Justiça e do Comportamento Desviante-

*Mariana Vaz Pinto Simões Travassos*

Porto, julho 2015



CATÓLICA PORTO  
EDUCAÇÃO E PSICOLOGIA

*ESTRATÉGIAS DE ADAPTAÇÃO À EXPERIÊNCIA  
DE SEM-ABRIGO: UM ESTUDO DE CASO*

Dissertação apresentada à Universidade Católica Portuguesa para obtenção do  
grau de mestre em Psicologia

-Especialização em Psicologia da Justiça e do Comportamento Desviante-

*Mariana Vaz Pinto Simões Travassos*

Trabalho efetuado sob a orientação de

*Dra. Maria Carmo Carvalho*

*Doutora Mariana Barbosa*

Porto, julho 2015

És vagabundo?

*Na Terra todos são vagabundos*

*Ouvi mesmo dizer que a própria Terra vagueia no Espaço*

(Máximo Gorki, *Albergue noturno*)

## **Agradecimentos**

A ti, meu amigo. Por me teres permitido entrar nesse teu mundo (tão próximo e tão distante), por me teres feito questionar a vida e por me desafiares a ser mais humilde e agradecida. Obrigada pelas horas que passámos juntos, por todos os risos, gargalhadas, abraços e pela tua transparência e honestidade. Agradeço-te por me teres feito crescer ao teu lado!

Às professoras Maria Carmo Carvalho e Mariana Barbosa, por terem acreditado em mim. Obrigada pela autonomia e apoio, por terem sido incansáveis e genuinamente interessadas no meu percurso formativo e pessoal.

À Lu, porque com amigas como tu é tudo muito mais fácil (e cómico)! Obrigada por toda a ajuda e interesse!

Ao Sal, por me ter ajudado a olhar para o mundo dos que vivem na rua com as lentes do amor. Por me ter ensinado a saber estar com eles e aprender com o seu exemplo.

Por fim, a todos aqueles que me acompanharam e ajudaram nas alturas mais exigentes! Obrigada Zezinha, Vera, Leo e a toda a minha família!

## **Resumo**

O presente estudo pretende contribuir para o conhecimento acerca das estratégias de adaptação à experiência de sem-abrigo, procurando compreender os significados atribuídos ao suporte social e ao comportamento violento. Optou-se por levar a cabo um estudo de caso único, por ser representativo do fenómeno em estudo e pelo facto de existir uma relação prévia e duradoura com o participante. Através da metodologia qualitativa foi analisado um diário de campo, constituído entre janeiro de 2013 e abril de 2014, bem como notas de terreno e entrevistas semiestruturadas, elaboradas entre janeiro e abril de 2015. Os dados foram analisados seguindo os princípios da *Grounded Theory* e com o auxílio do *software* para análise de dados *NVivo 10*. Os principais resultados deste estudo apontam para uma dualidade associada ao suporte social no processo de adaptação à vida de rua, na medida em que tanto o isolamento como a integração social acomodam funções de adaptação. Adicionalmente, os dados sugerem que o comportamento violento se associa ao aumento da autoestima, bem como à capacidade de sobrevivência inerente à adversidade da vida na rua.

**Palavras-chave:** Sem-abrigo; adaptação; suporte social; comportamento violento

## **Abstract**

This study aims to contribute to the understanding of the strategies used by homeless people to adapt to this experience, more specifically, addressing the meanings attributed to social support and violent behavior. For this purpose, it was decided to carry out a single case study. This option was taken because it allows us to capture the complexity and idiosyncrasy of this situation, it is a representative case of the phenomenon under study and, furthermore, there was a prior and lasting relationship with the participant. Through qualitative methodology, it was analyzed a diary, made between January 2013 and April 2014, as well as field notes and semi-structured interviews, compiled between January and April 2015. The data was analyzed under the principles of Grounded Theory and using the Software NVivo10, a software for qualitative data analysis. The main results of this study pointed the duality associated with social support in the process of adaptation to street life, to the extent that both, isolation as social integration, accommodate adaptation functions. In addition, the data suggests that violent behavior is associated with increased self-esteem and the ability to survive to the adversity inherent to homelessness.

**Key words:** Homeless; adaption; social support; violent behavior

# Índice

<b>1. Introdução</b> .....	7
<b>2. Enquadramento teórico</b> .....	8
2.1 O conceito de sem-abrigo .....	8
2.2 Estratégias de adaptação à experiência de sem-abrigo .....	9
2.3 Podemos falar de resiliência?.....	11
<b>3. Método</b> .....	12
3.1 Instrumentos.....	13
3.2 Procedimentos de recolha de dados .....	13
3.3 Procedimentos de análise de dados.....	14
<b>4. Resultados e discussão</b> .....	15
<b>4.1 Biografia</b> .....	15
<b>4.2 QI 1 - <i>Quais os significados atribuídos ao suporte social na adaptação à experiência de sem-abrigo?</i></b> .....	16
4.2.1 Evolução da interação social ao longo da vida .....	16
4.2.2 Dinâmicas de interação social.....	17
4.2.3 Significados atribuídos às interações sociais .....	20
<b>4.3 QI 2 - <i>Quais os significados atribuídos ao comportamento violento na adaptação à experiência de sem-abrigo?</i></b> .....	22
4.3.1 Condições relacionais do comportamento violento .....	22
4.3.2 Significados.....	25
<b>5. Conclusões</b> .....	27
<b>6. Bibliografia</b> .....	31

## **1. Introdução**

Nesta época de grande instabilidade económica o tema da exclusão social emerge como central, atual e pertinente. Nos últimos anos, o número de pessoas em situação de sem-abrigo tem vindo a aumentar (Viegas, 2013). Este facto justifica a preocupação social, política e institucional em produzir conhecimento acerca dos fatores que precipitam, caracterizam e mantêm estas situações, para posteriormente melhor adequar as estratégias interventivas (Jesus & Meneses, 2010). Apesar de se denotar um aumento de investigações neste âmbito, a informação ainda é escassa e desatualizada, sendo muitas vezes estigmatizante e focalizada na descrição de problemáticas, não permitindo “desmistificar as representações sociais de índole negativa que constituem um obstáculo à promoção da dignidade humana” (Instituto da Segurança Social, 2009, p. 10).

Tendo em conta que “o modo como olhamos para um problema e procuramos combatê-lo, depende do modo como o compreendemos” (Bruto da Costa, 1998, p. 36), torna-se essencial alargar o campo de investigação, priorizando questões focadas no funcionamento, potencialidades e resiliência das pessoas que passam por esta situação (Somerville, 2013), dando-lhes voz, ouvindo-as e observando-as, para apreender a complexidade das questões que circunscrevem a sua vida (Aldeia, 2011). O presente trabalho pretende contribuir para o aumento do conhecimento acerca deste fenómeno, partindo do pressuposto de que ninguém saberá mais do seu próprio universo do que a pessoa que nele habita (Melo, 2002).

## 2. Enquadramento teórico

### 2.1 O conceito de sem-abrigo

O que significa ser “sem-abrigo”? Na verdade, não existe uma resposta consensual (Rokach, 2008). A literatura apresenta inúmeras definições que divergem em função daquilo que, à partida, é considerado fulcral no fenómeno. Existe, no entanto, um denominador comum: todas elas surgem num *continuum*, mais ou menos objetivo, de ausência. Ausência de casa, laços sociais, segurança, afeto, estabilidade, recursos económicos, etc. (Miguel, 2007; Somerville, 2013).

Atualmente, a visão dos “sem-abrigo” está predominantemente alicerçada à carência habitacional (Barreto, 2000): “Considera-se pessoa sem-abrigo aquela que, independentemente da sua nacionalidade, idade, sexo, condição socioeconómica e condição de saúde física e mental, se encontre: (i) sem teto (...) (ii) sem casa” (Instituto da Segurança Social, 2009, p.7). Contudo, é necessário sublinhar que o conceito de “abrigo” não pode ser reduzido ao acesso a uma habitação física (Kennedy, 2012), pois esta está intimamente associada a questões relacionais, afetivas, de estabilidade, controlo, segurança e privacidade (Barreto & Bento, 2002). É de extrema importância olhar para as pessoas em situação de sem-abrigo de forma integrada, não minimizando a problemática à ausência de habitação, mas, antes, compreendendo as dinâmicas que saturam essa carência e dela advêm (Fernandes, 2006).

Quando nos reportamos ao fenómeno dos sem-abrigo, situamo-lo no eixo da exclusão social (Carrinho, 2012). O processo de exclusão não é estritamente individual, mas um fenómeno social, determinado pelos próprios princípios de funcionamento das sociedades (Barreto & Bento, 2002). Por sua vez, Castel (2000) apresenta o conceito de *desafiliação* como central na compreensão do fenómeno dos sem-abrigo. O mesmo exprime o processo progressivo de rutura ou enfraquecimento dos laços vinculativos com as estruturas sociais (família, amigos, trabalho). Vários autores defendem que são estas rupturas, e não exclusivamente as dificuldades económicas, que originam e perpetuam a vida na rua (Bahr & Caplow, 1968; Kennedy, 2012).

Apesar da heterogeneidade dos percursos que conduzem à situação de sem-abrigo, Muñoz, Bermejo, Vázquez e Vázquez (1999) afirmam que ela é, frequentemente, antecedida por eventos adversos, como a institucionalização (lar de infância e juventude, hospitalizações, reclusão, exército), fatores individuais (doenças graves, incapacidades

físicas, consumos problemáticos), fatores emocionais (abandono, divórcio, violência doméstica) e fragilidades económicas (pobreza extrema, desemprego) (Muñoz, et al., 1999; Miguel, 2007). Assim, a situação de sem-abrigo surge como consequência destes eventos, com a perda gradual de identificações com a sociedade domiciliada e, simultaneamente, com a re-identificação a novos ambientes (Aldeia, 2011). As alterações identitárias devem ser entendidas como estratégias de adaptação dos indivíduos a contextos de elevada adversidade (Aldeia, 2011): a pessoa que inicia o processo de viver na rua tem de encontrar estratégias para lidar com os múltiplos fatores que precipitaram esta situação, bem como com a adversidade que a vida na rua acarreta (Martins, 2007). Na maioria das vezes, trata-se de um processo autodestrutivo, engrenado no passado, que é agravado pela monotonia rotineira, onde a sobrevivência é a principal preocupação (Martins, 2007).

Tal como referem Barreto e Bento (2002), não basta remediar a carência de habitação e de trabalho para que a pessoa que vive na rua se autonomize. Sob um ponto de vista psicológico é necessário colocar as relações precoces no mapa de considerações sobre o fenómeno, pois “o reconhecimento da pobreza de vínculos nesta população não é novo” (Barreto & Bento, 2002, p.98). A vinculação é essencial enquanto estruturadora da afetividade e da distância relacional (Guedeney & Guedeney, 2002). Quando esta é lesada, a pessoa poderá ficar presa a uma insegurança afetiva e incapaz de procurar apoio emocional, comprometendo a sua autonomia e a sua capacidade de exploração do mundo e estabelecimento de novos vínculos (Barreto & Bento, 2002).

## 2.2 Estratégias de adaptação à experiência de sem-abrigo

Segundo Folkman e Lazarus (1988) o *coping* é definido como o conjunto de estratégias utilizadas na resposta individual a situações adversas, que são variadas e diferem consoante o indivíduo, a situação e os recursos disponíveis. Jarvis, Kurtz, Lindsey, Nackerud e Williams (2000), afirmam que a procura de relações sociais continuadas, a autoconfiança e a espiritualidade, são estratégias que permitem superar os desafios inerentes à situação de sem-abrigo. A manutenção da independência, a motivação e a perceção positiva do futuro, são também estratégias de *coping* utilizadas por esta população (Kidd, 2003).

Adicionalmente, a investigação tem demonstrado que a manutenção da sobrevivência inerente à vida na rua, exige estratégias de *coping* extraordinárias (Bender, Flynn, Lantry, McManus & Thompson, 2007). Estas são, muitas vezes, não-convencionais e rotuladas como mal adaptativas. No entanto, mediante um olhar mais empático, veremos que são

frequentemente a única forma de alcançar um mínimo de bem-estar e de sentimento de autocontrole. Apesar destas estratégias serem dependentes das especificidades de cada percurso de vida, vários estudos consolidam evidência empírica da sua presença junto desta população.

Um estudo conduzido por Thoits (1995) procurou compreender a relação entre a vida na rua, o *coping* e o suporte social. Ao contrário de outros estudos, os resultados evidenciam o impacto negativo que as relações pessoais têm no bem-estar psicológico dos indivíduos. Outras investigações corroboram este achado, nomeadamente um estudo de Belle (1983, cit. in Piliavin & Wong, 2001), que conclui que mulheres sem-abrigo socialmente envolvidas apresentam níveis mais elevados de *stress* do que mulheres socialmente isoladas. Estes resultados podem ser entendidos à luz da hipótese formulada por Barreto (2000), de que sucessivas situações de desamparo e abandono originam um processo de descredibilização da bondade e confiança nas outras pessoas. É neste pressuposto que se desenvolvem as tendências antissociais, verificando-se uma reatividade face às sucessivas perdas (Winnicott, 1956, cit. in Barreto, 2000) e um isolamento progressivo (Barreto & Bento, 2002). Adicionalmente, Barreto (2000) conclui que quando os sem-abrigo são mobilizados para o plano emocional, parecem “ser invadidos por uma violência destrutiva” (p. 132) que desperta ansiedade, vulnerabilidade e ausência de controlo. Por esta razão, as relações estabelecidas posteriormente à situação de sem-abrigo, tendem a ser superficiais, passageiras e muitas vezes instrumentais (Anderson & Snow, 1993). A diminuta exposição emocional na relação parece ser uma forma de controlar a dor causada por anteriores ruturas relacionais, procurando uma homeostasia afetiva neutra.

Por sua vez, o comportamento violento tem vindo a ganhar alguma atenção na comunidade científica (Heerde, Hemphill & Scholes-Balog, 2014). Os indivíduos em situação de sem-abrigo estão comumente associados ao crime e à violência, como vítimas, mas também como perpetradores (Hagan & McCarthy, 2005). Embora não exista literatura contrada na relação entre o comportamento violento e a adaptação à rua, Salmivalli (2001) refere que o comportamento violento pode estar associado ao aumento da autoestima, tendo por base o pressuposto de que o envolvimento em situações violentas é um risco que requer coragem e confiança. Baumeister, Boden e Smart (1996) apresentam o conceito de “egoísmo ameaçado” como um possível precipitante do comportamento violento. Os autores associam a noção de autoestima a uma avaliação global favorável de si mesmo, optando pelo recurso ao termo egoísmo, entendido como preferência por uma autoapreciação favorável,

independentemente da sua validade. Assim, o conceito de “egoísmo ameaçado” refere-se a indivíduos com uma autoestima elevada mas permeável e, por isso, iminentemente ameaçada. Por conseguinte, a pessoa responde violentamente perante uma potencial ameaça, de forma a preservar a autoestima (Baumeister, et al., 1996). Adicionalmente, Salmivalli (2001) ressalva a possibilidade de existirem fatores mediadores desta relação, nomeadamente o álcool, que aumenta simultaneamente o sentimento de autoconfiança e a predisposição para o comportamento impulsivo e violento.

Segundo um sem-abrigo que participou no estudo de Davidson e Kidd (2007), viver na rua é uma forma de aprender muito sobre a independência e é através destas estratégias que a conquistam. No final destas batalhas, surge um sentimento: “o orgulho por ser sobrevivente” (p. 225).

### 2.3 Podemos falar de resiliência?

O conceito de resiliência tem sido foco de investigação ao longo dos últimos anos e compreende a emergência de *outcomes* positivos, apesar da adversidade circunstancial (Malindi & Theron, 2010). Assim, a resiliência operacionaliza-se nas estratégias de *coping* utilizadas para lidar com experiências de adversidade, e é dependente da pessoa, do ambiente e da sua história (Barnard, Morland & Nagy, 1999). Segundo Osborne (1993, cit. in Barnard et al., 1999), as estratégias de *coping* e sobrevivência têm de ser socialmente aceites. Consequentemente, o consumo de álcool ou a violência não podem ser identificados como comportamentos resilientes, sendo estratégias de evitamento que se constituem como uma falha na adaptação. Contrapondo este argumento, Ungar (2012) apresenta o conceito de “resiliência oculta”, defendendo que existem aspetos promotores de resiliência por detrás de comportamentos “problemáticos”. A resiliência oculta não é mais do que a constatação de que comportamentos não convencionais e por vezes rotulados como negativos, podem ser utilizados para sobreviver na adversidade (Libório & Ungar, 2010). A investigação acerca da resiliência nos sem-abrigo é escassa, mas têm surgido estudos que visam compreender este fenómeno (Kotchaw, 2011). Estas investigações focam-se na compreensão contextual da resiliência, retirando o foco da tradicional rotulação do “estilo” de *coping* (Lippman, 2012). Mesmo que estes comportamentos sejam considerados como desviantes, é necessário compreender que esta “pode ser a forma pela qual a resiliência se manifesta na população dos sem-abrigo” (Lippman, 2012, p. 74). A resiliência das ruas oferece uma

conceptualização contrastante da tradicional resiliência, caracterizada por manifestações pró-sociais (Whitbeck, 2009).

Para além da apresentação deste novo conceito, Ungar (2004) expressa a sua preocupação sobre a forma como os profissionais de saúde ignoram estas estratégias de *coping* que divergem do que é estereotipado, impactando negativamente no desenvolvimento da resiliência. Consequentemente, há uma colaboração com a construção de “identidades saturadas de problema, ignorando ainda a possibilidade de estarem a fazer escolhas racionais, frente a uma realidade com tão pouco acesso a recursos mais ‘satisfatórios’ para alcançar autoestima, bem-estar, satisfação, sensação de poder e controlo sobre as suas vidas.” (Libório & Ungar, 2010, p. 480).

Esta investigação pretende contribuir para o aumento do conhecimento acerca da situação de sem-abrigo, analisando a experiência de um homem que, enquanto perito experiencial (Denzin & Lincoln, 2000), possibilitou a aproximação a este fenómeno. Procurou-se aceder aos significados e estratégias utilizados pelo participante para gerir o quotidiano e as adversidades que a sua vida acarreta, focalizando os significados atribuídos ao suporte social e ao comportamento violento no processo de adaptação à experiência de sem-abrigo.

### **3. Método**

A metodologia adotada foi o estudo de caso único - o “caso” do António – dado que a sua história é representativa do fenómeno em estudo (Denzin & Lincoln, 2000), por existir uma relação próxima e duradoura com o participante, configurando-se como uma circunstância privilegiada para a apreensão da sua idiossincrasia e pelo carácter longitudinal dos dados (Gerrin, 2007). Importa salientar que o objetivo do estudo de caso não é a generalização, pois “um caso não pode nunca representar o mundo” (Pais, 2003, cit. in Aldeia, 2011, p.109); pode, no entanto, “representar um mundo no qual muitos casos semelhantes acabam por se refletir” (p.109).

Assim, optou-se por um desenho de investigação próximo do paradigma qualitativo e indutivo, centrado na apreensão dos significados, na análise da subjetividade inerente ao comportamento humano e na priorização na exploração da forma como os indivíduos compreendem, constroem e interpretam as suas experiências (Guba & Lincoln, 1994). Esta metodologia revela-se eficaz, na medida em que se pretende estudar um fenómeno complexo de natureza eminentemente pessoal e social (Liebscher, 1998).

Neste sentido procurou-se dar resposta às seguintes questões de investigação: Quais os significados atribuídos ao suporte social na adaptação à experiência de sem-abrigo?; Quais os significados atribuídos ao comportamento violento na adaptação à experiência de sem-abrigo?

### *3.1 Instrumentos*

O principal instrumento desta investigação foi um diário de campo, elaborado entre janeiro de 2013 e abril de 2014 e constituído por 12 documentos que relatam episódios decorrentes das minhas interações com o António (Angrosino, 2007) e aglomera informações de diferentes níveis, referentes a situações específicas: (1) observações; (2) notas de terreno; (3) fragmentos discursivos (Caria, 2003). A nossa relação foi sendo construída ao longo do tempo, permitindo uma imersão gradual e profunda no seu quotidiano. Tendo em conta que os indivíduos expressam a sua identidade através de gestos, postura e conduta (Parsell, 2011), o quotidiano apresenta-se como um contexto privilegiado, por revelar, de modo mais realista, as estratégias de sobrevivência adotadas (Becker, 1963). Neste sentido, sublinham-se as palavras de Adler (1993, p.11, cit. in Viegas, 2013): “acredito que a investigação com ênfase na observação pessoal, na interação e na experiência, é a única forma de adquirir conhecimento preciso sobre o comportamento desviante”.

Inicialmente estava prevista a realização de uma entrevista aprofundada ao António, no entanto, o mesmo foi detido, o que impossibilitou a realização da mesma. Não obstante, foram realizadas visitas ao Estabelecimento Prisional, que possibilitaram a exploração e aquisição de informação. Foram também realizadas entrevistas semiestruturadas a elementos do grupo de pares, sendo este um instrumento adequado para a recolha e aprofundamento de informação acerca de acontecimentos e perceções (Aires, 2011).

### *3.2 Procedimentos de recolha de dados*

Em dezembro de 2014 foi explicado ao participante o objetivo do estudo e recolhido o consentimento informado para a utilização dos registos efetuados até à data, bem como para a recolha de informação adicional. Os dados analisados reportam-se a informações recolhidas entre janeiro de 2013 e abril de 2015 (cf. anexo A). Parte dos dados foram recolhidos numa fase anterior à investigação, sem objetivarem mais do que a própria descrição das situações. As mesmas emergem das inúmeras observações naturalistas, dos diálogos contínuos e da imersão na vida quotidiana do participante (*“Pelo menos uma/duas*

vezes por semana ia ter com ele, sentava-me e conversávamos. Havia dias em que falávamos das nossas vidas, dias em que falávamos de isqueiros e cigarros, dias em que cantávamos fado e dias em que não falávamos, ficávamos apenas a ver as pessoas passar”). Devemos considerar que esta investigação foi construída a partir de uma interação pessoal com o António, aceitando esse envolvimento como real e efetivo. Importa reconhecer que o campo interacional em que decorreu a investigação é dinâmico, ou seja, o próprio ponto de vista do investigador influencia a investigação (Aldeia, 2011). Para minimizar a subjetividade da informação recolhida recorreu-se a várias técnicas, nomeadamente, a triangulação interna do observador (estudo sistemático das notas de terreno), a triangulação entre os observadores e os atores implicados (discussão de informações com os atores), a triangulação teórica (confronto com modelos teóricos) e a descrição detalhada de situações específicas (Aires, 2011). Adicionalmente, foi intencionalizada a separação dos dados relativos à nossa relação pessoal, privilegiando narrativas descritivas e referentes às relações estabelecidas com os outros atores (Fernandes, 2002).

Relativamente à informação complementar, recolhida posteriormente, as visitas ao Estabelecimento Prisional foram realizadas em dezembro, janeiro e março de 2015. Apesar de não ter sido possível a gravação áudio destes momentos, foram elaboradas notas de terreno com as informações adquiridas. As entrevistas realizadas aos elementos do grupo de pares ocorreram entre fevereiro e abril de 2015. Estas recolhas de testemunhos, sob a forma de conversas casuais (Fetterman, 1998), visaram recolher informação sobre interações com o António.

### 3.3 Procedimentos de análise de dados

O estudo recorreu à metodologia qualitativa, tendo existido uma preocupação na apreensão de significados, com primazia para a compreensão holística do material recolhido (Haynes, 1997). Nesta linha, foi realizada a categorização para a análise de conteúdo, sob alçada do quadro teórico-epistemológico e empírico da *Grounded Theory* (Strauss & Corbin, 1994, cit. in Martins, 2012). Num primeiro momento, foram lidos todos os dados com vista à identificação de possíveis associações, bem como a criação de algumas categorias preliminares (Krippendorff, 2003). De seguida, recorrendo ao software *Nvivo10*, os dados foram sujeitos à *análise de conteúdo*, de forma a codificar, criar categorias, filtrar e questionar a informação para responder às questões de investigação (Cação, 2008). O processo de categorização teve como principal objetivo organizar e classificar os elementos

textuais, de forma a “integrar a informação e conferir-lhe um sentido lógico” (Bettencourt, 2010). Pretendeu-se uma descrição objetiva, sistemática e quantitativa do conteúdo textual (Berelson, 1954, cit. in Fransozi, 2007). A par de todo o processo de tratamento de dados a consideração da fidelidade e qualidade dos mesmos esteve presente, tendo em conta que os investigadores desempenham um papel fundamental que é dependente da sua sensibilidade, integridade e conhecimento (Baptista & Sousa, 2011).

Obteve-se um sistema composto por 9 categorias de primeira ordem e 31 de segunda ordem (cf anexo B). Foram recortadas um total de 10968 referências, tendo seguido como critério de recorte a frase.

## **4. Resultados e discussão**

### **4.1 Biografia**

O António é um homem de nacionalidade portuguesa, natural de Braga, com 63 anos de idade. Na sua infância identificam-se inúmeros fatores de risco, nomeadamente: dificuldades económicas (“*claro que tinha [fome], comia castanhas caídas no chão. E já ia com sorte!*”); alcoolismo parental (“*Na altura ele [pai] ganhava bem, mas gastava tudo no álcool*”); perda de figuras significativas (mãe e irmão) (“*O meu irmão mais novo morreu sem eu saber de quê*”); hospitalização precoce (“*tive um ano internado no hospital com tuberculose, sozinho, mas sobrevivi*”); maus tratos (“*levava muita porrada quando era criança*”); violência doméstica (“*o seu pai esfaqueou a sua mãe*”); abandono precoce (“*aos 7/8 anos foi expulso de casa*”); institucionalização (“*refere várias tentativas de institucionalização, mas relata fugas sucessivas destes locais*”). Por volta dos 13 anos foge para o Porto e começa a trabalhar numa pastelaria. Dos 20 aos 24 anos é chamado a cumprir serviço militar. Posteriormente, regressa ao Porto, onde trabalha ilegalmente, cerca de 15 anos, a descarregar carne. No ano de 1992 refere ter-se envolvido em agressões com quatro indivíduos, que resultaram num internamento e amputação da perna esquerda. A partir desse momento, com 40 anos, deixa de conseguir trabalhar e vai viver para a rua. Em 2010 passa a viver numa residência atribuída pela Segurança Social (“*Tinha um quarto com uma cama e um balde onde fazia as necessidades*”). Em 2013, é-lhe amputada a perna direita, devido a complicações de saúde, sendo colocado noutra residência da Segurança Social, onde teria possibilidade de habitar com as novas limitações. Em 2014 dá entrada no Estabelecimento Prisional do Porto, condenado a uma pena de 15 meses, por ameaça e tentativa de agressão a um agente da polícia.

## 4.2 QI 1 - *Quais os significados atribuídos ao suporte social na adaptação à experiência de sem-abrigo?*

### 4.2.1 **Evolução da interação social ao longo da vida**

Ao longo da história de vida do António, mais especificamente no que refere à sua experiência de sem-abrigo, a estrutura dos padrões de interação social foi sofrendo alterações. Desta forma, emergem três momentos, cronologicamente distintos, que se diferenciam acentuadamente pelo grau de interações sociais: o *isolamento social*, a *reconfiguração do mapa de interações sociais* e a *integração num grupo de pares*.

#### *Isolamento Social*

Durante muitos anos o António foi uma pessoa solitária (*“Era uma pessoa muito isolada, vivia sozinha, sem ter apoio de ninguém, não suportava viver com ninguém” - Rui*). Era conhecido por deambular pelas ruas, desacompanhado, e quem tivesse a ousadia de se intrometer na sua solidão era alvo de insultos e pontapés (*“Só estava bem a fazer porcarias, maldades, via uma pessoa na rua e era capaz de lhe cuspir, dar com a muleta se preciso” - Rui*). O Rui afirma que ele era *“o terror”*, um homem *“arrogante e mal-educado”*, envolvendo-se frequentemente em agressões. Durante muitos anos, a única relação que o António refere ter existido foi com uma senhora que lhe pagava bebidas, mencionando que *“ela tinha um café e roubava turistas para conseguir dinheiro”*.

#### *Reconfiguração do mapa de interações sociais*

A amputação da segunda perna (outubro 2013) configurou-se como um momento de viragem, exigindo um reajustamento de todas as dimensões do seu quotidiano, entre elas o mapa de interações sociais. O Rui refere que o homem que saiu do hospital nada tem a ver com o outro *“arrogante”*, recordando o primeiro dia em que o deixou entrar no café (*“Ele já não tinha as duas pernas, parou à porta do café e pediu uma cerveja e uma cebola crua para comer”*). O António já tinha tentado entrar no café, mas ele nunca o deixara, pois sabia que era violento e *“não confiava nele”*. Na opinião do Rui, esta mudança de atitude emerge porque o António se viu *“incapaz de tudo. Com uma perna ainda pensava que era alguém, sem as duas acabou (...) precisava mesmo de ajuda”*. Foi no seguimento da diminuição

factual da sua autonomia que passou a frequentar diariamente este café estabelecendo, pela primeira vez, uma rede de suporte.

### *O grupo de pares*

O café, apesar de ser aberto ao público, é um local de encontro diário de um grupo restrito, constituído por 6 elementos.

Tabela 1. *Características sociodemográficas do grupo de pares*

	Idade	Escolaridade	Profissão	Alcoolismo	Exp. sem-abrigo	
					Passado	Presente
Rui	46	6º	Dono do café	Não	Não	Não
Maria	46	9º	Dona do café	Não	Não	Não
João	46	9º	Reformado p/invalidez	Sim	Sim	Não
Pedro	47	9º	Reformado p/invalidez	Sim	Não	Não
Carlos	81	4º	Reformado	Sim	Sim	Sim

Apesar das diferenças entre os donos do café e os clientes, existem várias semelhanças entre estes. Os padrões de consumo de álcool são um dos elos de ligação mais importantes deste grupo (*“Todos nós somos alcoólicos. Acordamos e pensamos: onde vamos beber? E vimos aqui.”* – João). Parsell (2010a) corrobora que a base das interações sociais não está no facto de os elementos do grupo serem sem-abrigo, mas sim nos seus padrões de consumo. Contudo, apesar desta motivação, o clima de aceitação e preocupação justificam a permanência naquele local. Por todos os elementos terem trajetórias de vida semelhantes, existe uma compreensão e identificação com o sofrimento do outro, ainda que este se dê a conhecer pela violência (*“Este é o sítio, o único, onde nos aceitam como somos. E é uma família, onde nos preocupamos, fazemos coisas uns pelos outros (...) a Santa Casa da Misericórdia do copo.”* - João). Vários autores referem que os sem-abrigo tendem a estabelecer relações de convívio e proximidade com pessoas que tenham trajetórias de vida semelhantes (Silva, 2011; Pereira, 2006).

#### **4.2.2 Dinâmicas de interação social**

Na vivência das interações sociais, pautadas pela integração no grupo de pares, emergem da análise de dados três dimensões distintas que permitem compreender as dinâmicas relacionais que as caracterizam: a *companhia social*, a *satisfação de necessidades* e a relação entre *interações e sentimentos*.

### *Companhia Social*

Apesar de o António estar diariamente com este grupo, não é comum a partilha espontânea de experiências, emoções e sentimentos (“*ele não diz nada, temos de ser nós a perguntar como correu o dia, e mesmo assim...*” - Rui). A Maria refere que o António “*não é aquela pessoa sociável, não é muito de conversa, só fala se uma pessoa entrar em diálogo com ele*”. O tempo no café é preenchido por atividades lúdicas - jogar dominó, ouvir música, ou simplesmente estar e observar a movimentação dos transeuntes ou das duas catatuas dos donos do café. Machado (2012) afirma que uma das principais dinâmicas que caracterizam estas interações é o silêncio, revelando-se como uma ferramenta essencial que permite a manutenção de um ambiente tranquilo. No entanto, apesar do silêncio ser demarcado ao entrar no café, quando o nível de alcoolismo dos elementos aumenta, o silêncio é quebrado e todos são invadidos por uma violência destrutiva, passando a um cenário de berros, insultos e momentos de tensão (“*O António já estava alcoolizado (...) pegou no porta-chaves e atirou-o bruscamente para o meio da mesa. Estava muito violento*”). Para além da embriaguez, este silêncio é também interrompido noutras ocasiões, como nos jogos de dominó. Quando o António perdia, o ambiente ficava tenso e propenso a insultos e outros comportamentos violentos (“*A jogar dominó era revolucionário, só queria ganhar, se outro ganhasse ficava zangado, dizia que era batoteiro*” - Rui).

Podemos conceptualizar este grupo como companhia social, por ser um conjunto de indivíduos que se encontra para a “realização de atividades conjuntas ou simplesmente para o estar juntos” (Sluzki, 1996, p. 49, cit. in Carrinho, 2012). Denota-se que, apesar de não se tratar de uma situação de isolamento social, ou seja, de privação de contactos sociais, estas dinâmicas grupais remetem para a solidão e isolamento emocional. Assim, a solidão emerge enquanto aspeto psicológico que compreende a separação emocional do outro: não é o “estar só” mas o “sentir-se só”.

### *Satisfação de necessidades*

Os dados sugerem que é junto do grupo de pares que o António supera algumas das suas necessidades, por vezes de forma exclusiva. É exemplo disso a Alimentação (“*O jantar é servido quando chega (...) esta é a única refeição do António (...) às vezes oferecem-lhe uns pães ou restos de comida durante o dia*”), a Higiene e Roupas (“*às vezes sentam-no num banco e, com um alguidar com água, dão-lhe banho e roupas novas*”) e as necessidades

relativas à Locomoção (“a Maria disse-me que iam angariar dinheiro e comprar-lhe uma cadeira de rodas elétrica”).

### *Interações e sentimentos*

Apesar de não existirem momentos de partilha e exposição emocional, estas interações não são, logicamente, isentas de sentimentos. Assim, torna-se importante compreender os tipos de sentimentos que emergem nestas relações.

Tabela 2. *Relações sociais e sentimentos*

Direção	Sentimentos	
	Positivos	Negativos
António – Outro	62	132
Outro – António	29	65

Os sentimentos negativos do António são mais frequentes (n=132), nomeadamente, a Indiferença (n=33) (“Estava sentado, com a cadeira elétrica encaixada na mesa e, de repente, decidi liga-la para sair dali e a mesa ia toda atrás”) e a Agressividade (n=31) (“fala muito alto e é agressivo”). Acerca dos sentimentos positivos, os mais frequentes são o Orgulho (n=11), que se associa maioritariamente a comportamentos violentos e a Alegria (n=10), associada a comportamentos pró sociais e a níveis elevados de alcoolismo (“Interpretava um fado e abanava, muito expressivamente, as mãos e os braços”).

A presença de sentimentos negativos é mútua, emergindo frequentemente por parte dos elementos do grupo em relação ao António (n=65). Estes sentimentos configuram-se como reativos aos seus comportamentos, nomeadamente, a Incompreensão (n=16) (“O Pedro não percebia como é que o António conseguia magoar tanto aqueles que gostavam dele (...) tinha sido a última vez que o António podia contar com ele”) e a Preocupação (n=14) (“Desde dia 7 que nenhum de nós sabia do António (...) começámos a telefonar para todos os hospitais (...) fomos à residência dele”). Relativamente aos sentimentos positivos (n=29), os mais frequentes são relativos a um episódio específico, no qual saturam dimensões como a Alegria (n=5), o Agradecimento (n=4) e a Esperança (n=4). Através das observações, identificou-se ainda o sentido de humor, enquanto promotor de sentimentos positivos (“ [depois da amputação da segunda perna] Então, agora é melhor. O António já não tem de gastar dinheiro a comprar sapatos!” – Rui)

### 4.2.3 Significados atribuídos às interações sociais

Através da análise de dados identificaram-se significados que sustentam o *outcome* comportamental padronizado do António, referente às interações sociais. Torna-se essencial compreender o peso do percurso histórico individual no processo de construção da personalidade e conceptualização do mundo que, conseqüentemente, afeta os estilos relacionais, os significados e as estratégias para lidar com a dificuldade (Barreto, 2000). Assim, as experiências passadas de interação justificam uma determinada visão e entendimento dos outros, que se consolida em três significações distintas - *autossuficiência libertadora*, *negação do outro* e *instrumentalização do mundo*.

#### *Autossuficiência libertadora*

Os resultados sugerem uma relação significativa entre o isolamento social e a significação de autossuficiência. A mesma emerge no discurso do António, no sentido em que o isolamento e afastamento são a única forma de alcançar a liberdade, ilustrando-a com a sua experiência na escola de Tropas Paraquedistas Portuguesas (“*Eu fiz uma escolha em 1971 (...) Paraquedismo!*”). Conceptualiza a liberdade como o rompimento de relações e afirmação da sua autonomia (“*a melhor liberdade. Estava sozinho, a voar. Não precisava de ninguém. Eu e eu!*”). Esta não foi a única vez que narrou a experiência de estar sozinho a “voar” como a verdadeira libertação, o seu momento de maior felicidade. Vários autores sublinham que a liberdade é um conceito central nas narrativas de pessoas em situação de sem-abrigo (Andrade, Costa & Marquetti, 2014). A rua pode não oferecer suporte, mas simboliza o rompimento com a escravatura dos acontecimentos passados e, por isso, é uma via de libertação, ainda que possa ser relativa (Andrade, Costa & Marquetti, 2014). De acordo com Barreto (2000), o sentimento de estar só é frequentemente exibido com orgulho, por vezes de forma eufórica, sublinhando a ideia de que é possível estar bem sozinho (“*assim é melhor*”; “*estou muito bem sozinho*”). Segundo Thelen (2006) quase todos os sem-abrigo experimentaram profundas lacunas emocionais desde tenra idade. O isolamento e a autoexclusão configuram-se como mecanismos de defesa, pois as experiências prévias de relação comportam em si um sentimento demasiado ameaçador (Carrinho, 2012). Assim, a capacidade de ser autossuficiente, é percebida pelo António como positiva, pela habilidade de funcionar sozinho, ser independente, autónomo e eficiente na gestão do seu mundo. Os sentimentos associados à autossuficiência são o *Orgulho* (n=9), a *Liberdade* (n=5), a *Autonomia* (n=3) e a *Revolta* (n=3).

### *Negação do outro*

Na sua relação com os que o rodeiam o António usa recorrentemente a negação do outro. Ser sem-abrigo, mais do que um modo de viver, é um modo de sobreviver (Barreto, 2000). Segundo o António, a sobrevivência exige que se ponha em primeiro lugar em todas as situações, não equacionando a existência do outro (“*Primeiro venho eu! Sempre eu!*”). A negação do outro revela-se nas relações de proximidade, mas também na forma como se relaciona com o meio envolvente (“*Começou a fazer marcha atrás com a cadeira, sem sequer olhar (...) quase que passou com a cadeira por cima duma senhora*”). Esta negação do outro, associada a um egocentrismo assumido é, em certa medida, protetor. Cyrulnik (2001) corrobora isto - frequentemente, a única referência familiar estável que estes indivíduos tiveram foram eles próprios, aprendendo assim que só podem contar consigo mesmos, centrando-se em si e menosprezando a preocupação com o outro.

### *Instrumentalização do mundo*

Emergiu também da análise a relação instrumentalizada com o mundo. O café é o local onde satisfaz as suas necessidades, não sendo por acaso que o começa a frequentar num momento de fragilidade e aumento de dependência. Além desta motivação inicial, é possível identificar a instrumentalização em situações particulares de interação, por exemplo os furtos que cometeu no café (“*Têm ‘desaparecido’ coisas do café - uma peça de dominó, o telefone do Pedro, um maço com dois cigarros e um saca-rolhas*”). Quando confrontado, o António não significa este comportamento como furto, mas como algo natural e instintivo (“*As coisas estavam abandonadas em cima da mesa. Se estão abandonadas eu meto ao bolso e ficam à minha guarda!*”).

Thelen (2006) afirma que esta é uma das estratégias centrais de sobrevivência impostas por este modo de vida. A adaptação à rua exige um “exílio de si”, ou seja, passa pela capacidade de simplificar a própria existência e restringir as necessidades para estabelecer uma relação instrumentalizada com o mundo. Esta instrumentalização é evidente no “guardar” para si os vários objetos, mesmo os mais insignificantes, como uma peça de dominó. Este episódio evidencia, simultaneamente, a *negação do outro*, bem como o padrão instrumentalizado de explorar e aproveitar os “recursos” que o meio dispõe, pois podem ser decisivos para a sua sobrevivência.

### 4.3 QI 2 - *Quais os significados atribuídos ao comportamento violento na adaptação à experiência de sem-abrigo?*

#### 4.3.1 Condições relacionais do comportamento violento

A questão relacional emerge como essencial e estruturadora do tipo de expressão do comportamento violento. Optámos pela apresentação das suas manifestações nos diferentes níveis de interação social - *relações de proximidade*, *relações superficiais* e *desconhecidos*. No que concerne aos comportamentos do António foram identificados, por um lado, os comportamentos pró sociais e, por outro, os anti sociais, nomeadamente, *comportamentos autodestrutivos*, *comportamentos violentos* e *isolamento social*.

Tabela 3. *Relações sociais e comportamentos*

Tipo de relação	Comportamentos	
	Pró sociais	Violentos
Relações de proximidade	13	54
Relações superficiais	6	5
Desconhecidos	1	32

#### *Comportamento violento e relações de proximidade*

No âmbito das relações de proximidade é possível verificar a predominância dos comportamentos violentos (n=54) face aos pró sociais (n=13). Relativamente à violência física (n=26), os comportamentos mais frequentes são o *Bater* (n=3) e o *Atirar* (n=3) objetos, sendo que emerge um episódio de elevada relevância no qual o António trincou um dos clientes do café, no seguimento de uma provocação (“*Tu havias de ver, ele apanhou-lhe a mão, ferrou, mordeu, até sangue lhe fez na mão. Não era eu e o Rui a tentar que ele largasse a mão do outro, ele às tantas arrancava-lhe a mão fora*” – Maria). Relativamente aos episódios de violência verbal (n=28), os comportamentos mais prevalentes são o *Insultar* (n=15), *Gritar* (n=14) e *Ameaçar* (n=9). Apesar de não ser perceptível pelos resultados quantitativos, este é o tipo de violência mais frequente. Tal verifica-se porque a escalada para a violência física era frequentemente interrompida pelos donos do café (“*Quando ele se pegava aqui com alguém nós tínhamos de nos meter*”). Assim, a Maria e o Rui emergem como mediadores do conflito, prevenindo as situações de violência física (“*eu dizia-lhe: tens de ganhar juízo (...) ele pensava melhor e já não fazia*” – Maria). No entanto, a violência

surge sistematicamente associada à percepção de ameaça ou desafio, ou seja, configura-se como situacional e reativa (“*se alguém lhe fizer alguma coisa (...) ele não se fica, isso venha quem vier*”). Estas situações de maior tensão estão frequentemente associadas a momentos em que o António apresenta níveis de alcoolismo elevados (bem como os outros elementos do grupo) (“*quando ele já está vestido e calçado, bem acompanhado, não há volta a dar, já não é ele que fala, é o vinho e a cerveja*” – Maria).

A observação sistemática destas interações corrobora a presença acentuada e predominante de comportamentos violentos. Estes têm um impacto negativo na dinâmica grupal porque o mal-estar do António é projetado para o grupo recorrentemente, desencadeando o mal-estar individual e o sofrimento dos outros elementos. Quando se inicia um momento de violência, independentemente da pessoa que o originou, a escalada impulsiva é inevitável. Consequentemente, há uma necessidade sentida pelos donos do café de recorrer a medidas punitivas para gerir estes comportamentos: o António era frequentemente expulso do café (“*Decidimos acabar com a festa para que ele fosse para casa, já não estava em condições (...) ajudámos a pô-lo na rua*”), posto de castigo (“*sabes o que o António fez? Sabes porque é que ele está proibido de entrar dentro do café e fica cá fora à chuva?*” - Rui) e proibido de jogar (“*tive uma altura em que eu acabei com o jogo [domino], proibi-o de jogar*”).

Relativamente aos comportamentos pró sociais, salienta-se que os mesmos se manifestam, essencialmente, pela ausência de violência e indiferença (“*quando a gente o conheceu ele era mesmo o terror, mas depois já estava muito mais calmo (...) estar melhor significa não fazer porcaria*” – Maria). A emergência de comportamentos pró sociais passa pela aprendizagem de ressocialização, nomeadamente, pelo cumprimentar as pessoas quando as encontra, por responder a perguntas, conversar, contar histórias do seu passado, etc. Estes momentos de socialização promovem a assimilação de normas sociais, ou seja, das regras que regulam o comportamento dos indivíduos e tornam possível a vida em sociedade (Rosa, 2012). Não obstante, existem comportamentos pró sociais ao nível da partilha e oferta (n=6), por exemplo, oferecer cigarros, um café ou um presente. Estes comportamentos são percecionados pelos donos do café como extremamente importantes e vitoriosos (“*Sabes Mariana, eu acho que ele está a mudar. Quem diria que ele fizesse uma coisa destas [oferecer uma prenda]*” - Rui)

### *Comportamento violento e relações superficiais*

O comportamento violento do António não emerge no âmbito das relações superficiais, i.e., não se verifica nos relacionamentos essencialmente funcionais – com o “*senhor da mercearia*”, onde compra diariamente as suas “*cervejas fresquinhas*” - ou outros atores que intersejam a sua rotina repetidamente (“*É exemplo disso o senhor do lixo, que o cumprimenta pelo nome e pergunta pela vida – ‘então? Tudo bem António?’ - por vezes fumam um cigarro juntos enquanto olham para os carros*”). Não obstante, quando está alcoolizado, a sua forma abrupta, indiferente e, por vezes, agressiva de comunicar é transversal e independente do grau de sociabilidade existente.

### *Comportamento violento e desconhecidos*

Quanto ao comportamento do António com desconhecidos, podemos identificar dois cenários distintos. Num primeiro cenário é enquadrada a relação estabelecida com os transeuntes, pautada por alguma cordialidade, quando as caras são familiares (“*Estas rotinas criaram um encontro repetitivo, proporcionando o estabelecimento de relações circunscritas a uma troca de olhares e um ‘até amanhã’*”). Adicionalmente, o António agradece, desejando “*muita saúde*” a todos aqueles que lhe dão algum dinheiro ou comida.

Num outro cenário, totalmente distinto, encontramos inúmeros episódios de violência com desconhecidos, de dois tipos. O primeiro é referente a situações de confronto percebido. Quando o António relata a história de ter mordido um segurança de supermercado, é evidenciado o confronto do segurança por ter pedido para que ele “*mostrasse os bolsos do casaco*”. Apesar de, efetivamente, o António ter tentado roubar duas garrafas de vinho (escondidas nos bolsos), o confronto desencadeou o comportamento violento de forma instantânea e impulsiva. Os dados revelam-se consistentes com esta teoria do “*egoísmo ameaçado*”, na medida em que o António responde frequentemente de forma violenta quando é percebida uma ameaça (Baumeister, et al., 1996). Esta resposta denota a necessidade de preservar a sua autoestima, independentemente das características da situação.

Por outro lado, existem situações violentas com contornos diferentes, nomeadamente, a provocação intencional de momentos iminentemente violentos. Assim, tomamos como exemplo uma situação na qual um indivíduo abordou o António pedindo-lhe um cigarro:

“- Arranjas-me um cigarro? – Perguntou um homem que passava na rua  
- NÃO!! Vai-te foder cabrão! – Disse o António aos berros  
- Desculpa? Eu fiz-te alguma coisa caralho? Porque me estás a tratar assim? – Disse o homem, enquanto se dirigia em direção ao António, com raiva na sua cara e o punho fechado.  
- Calma, calma! Toma, eu dou-te um cigarro – Disse eu.  
O António ria-se descontroladamente. A sua expressão demonstrava satisfação pelo desencadear daquele momento de violência.”

Esta situação ilustra uma questão particular: a busca da violência. Apesar de este acontecimento não ter sido alvo de reflexão por parte do António, era visível, pela sua postura não-verbal, a adrenalina e a satisfação desencadeadas por aquele momento.

### 4.3.2 Significados

#### *Identidade*

Uma das poucas características que o António atribui a si mesmo é o facto de ser destemido, sendo este um motivo de orgulho (“*Eu casei-me com o medo (...) Ele está comigo, não tenho medo de nada. Até trinquei um polícia. Fiquei sem dois dentes, mas ele ficou com os dentes encravados no braço!*”). Esta é uma das características identitárias que emerge com maior frequência (n=25), a par do egocentrismo (n=28). Durante as nossas interações eram frequentes as verbalizações acerca da ausência de medo. No entanto, essa ausência parece surgir como uma escolha inevitável para alcançar a sobrevivência (“*Sobrevivência Mariana... ele atacou-me, eu sobrevivi! E é assim que tenho sobrevivido a todas as merdas. Tu não sofres do coração!*”). A rua emerge como um universo onde existe uma única regra: cada um por si e todos contra todos (Thelen, 2006). Na dualidade do “ter medo” ou “meter medo” ele afirma a sua decisão: “*Eu casei-me com o medo*”. Apesar da insegurança e perigo inerentes à vida na rua, a conceção do mundo como um lugar ameaçador é frequentemente consequência da ausência de interiorização de uma relação afetiva segura, fazendo com que a segurança permaneça integralmente no exterior e, por isso, esteja constantemente ameaçada (Barreto, 2000). Assumimos esta ligação atendendo às dinâmicas que caracterizam a sua infância, nomeadamente à inexistência de uma relação securizante, exacerbando o sentimento de ameaça. Quando se reporta à infância, utiliza frequentemente a palavra sobreviver: à fome, ao maltrato, à doença etc. (“*Eu acho que ele*

[irmão] *teve o mesmo [tuberculose] mas não sobreviveu, eu sobrevivi...*”). As experiências de desafiliação ao longo do percurso de vida assumem-se como traumáticas, na medida em que a erosão de laços afiliativos provoca um dano, muitas vezes permanente, nos sentimentos de segurança e confiança. Esta parece ser a máscara que escolheu para poder sobreviver. Tal como Parsell (2010a) afirma, a identidade do sem-abrigo não é algo que deriva do interior da pessoa, mas antes uma imposição externa. Vários autores referem que indivíduos sem-abrigo enfrentam um complexo conflito identitário, na medida em que a motivação em manter um autoconceito positivo está bloqueada pelas circunstâncias de sobrevivência associadas à vida na rua (Osborne, 2002; Dixon, Nyamathi & Stein, 2008)

### *Autoafirmação*

Neste sentido o “ser destemido” não é algo interno e privado. Pelo contrário, exige uma autoafirmação pública. As situações de violência identificadas, especialmente as que transparecem a busca do conflito, têm por base esta necessidade. Segundo Parsell (2010b), muitos sem-abrigo optam por criar relações de amizade com os pares, como estratégia para ultrapassar os perigos da vida na rua. O António, enquanto ator intencionalmente isolado, parece recorrer à autoafirmação como estratégia de proteção. Por sua vez, a autoafirmação é normalizada pelo sentimento de desesperança, próprio daquele que “*não tem nada a perder*”.

Importa referir que a autoafirmação, pelo recurso a comportamentos violentos, está associada ao *Orgulho* (n=7) e ao sentimento de *Competência* (n=3). Assim, corroboramos a hipótese apresentada por Salmivalli (2001), na medida em que o sentimento de autoeficácia e o aumento da autoestima, parecem estar relacionados com o facto de o António ser “*destemido*” e, por isso, ser corajoso para lutar, orgulhando-se das vitórias e sentindo-se competente por conseguir sobreviver.

### *Neutralização*

Relativamente à forma como significa e percebe a sua responsabilidade face aos comportamentos violentos, o António afirma: “*Nunca fiz mal a ninguém*”. Esta crença é sustentada pelo facto de não ter a intenção prévia de magoar (“*Uma coisa é ter a intenção premeditada de fazer mal a alguém*”). Para o António, as situações de violência nas quais esteve envolvido não foram premeditadas, foram resultado de um impulso e, por isso, não pode ser responsabilizado por elas (“*é um impulso no momento (...) simplesmente*

*acontece*”). Explica que dorme bem à noite por não ter “*remorsos*” e não sentir “*culpa*”. Efetivamente, as situações de maior violência são, na maioria das vezes, consequência de uma afronta ou provocação (“*se alguém lhe fizer alguma coisa ele não se fica (...) mas se ninguém pegar com ele, aí já está mais calmo*” – Maria). O comportamento violento é reativo à percepção de ameaça e a negação da responsabilidade individual surge enquanto estratégia de neutralização, evidenciando um *locus* de controlo externo (Matza & Sykes, 1957).

Adicionalmente, a negação da vítima constitui-se como um fator de neutralização e legitimação do comportamento violento (Matza & Sykes, 1957). Quando questionado acerca das situações em que (quase) atropela os transeuntes com a cadeira de rodas, ele explica que “*se eles precisarem desviam-se*”. Mais uma vez, caso atropela alguém, a culpa não será dele, mas sim do outro que não se desviou. O álcool emerge como mediador da responsabilidade pessoal, na medida em que o António refere não se lembrar daquilo que faz quando está alcoolizado.

## **5. Conclusões**

A situação de sem-abrigo é, simultaneamente, o culminar de um processo e o iniciar de um outro. Consequentemente, este outro não é passível de ser compreendido senão na ótica do processo experiencial passado. Sublinhamos a importância das experiências precoces, enquanto elementos-chave para a compreensão da situação de sem-abrigo. A infância do António evidencia uma abundância de fatores de risco que culminam numa necessidade: a fuga. No entanto, mesmo que a distância física possa ter sido, para ele, uma via de libertação, o impacto destas experiências precoces permaneceu. A hipótese da desafiliação é evidenciada pela perda gradual de relações (Castel, 2000). Podemos admitir que, aquando da sua fuga para o Porto, o António já tinha uma rede de suporte pobre, com muitas ruturas relacionais. Apesar de a passagem para a rua apenas acontecer no momento de amputação da perna esquerda (perda de trabalho), enquadrámos estes acontecimentos enquanto precipitantes. Por conseguinte, se existisse uma rede de apoio sólida, teria sido possível gerir de outra forma o impacto destas perdas. Apesar de ter vivido numa casa até então, o António era um homem socialmente isolado, violento e com padrões disfuncionais de consumo de álcool. Assim, sublinhamos novamente a necessidade de não minimizar o fenómeno dos sem-abrigo à carência habitacional (Fernandes, 2006).

A investigação permitiu uma leitura compreensiva acerca do que parece ser o impacto psicológico do processo de desafiliação, através da identificação de significados e estratégias utilizadas para gerir a situação de sem-abrigo. O homem que vive na rua gere, simultaneamente, a sua história passada de desafiliação e o desafio constante do presente.

Relativamente aos significados atribuídos ao suporte social, os dados vão ao encontro de duas teorias, aparentemente opostas, permitindo a construção de uma leitura longitudinal e integrativa deste achado. Num primeiro momento, podemos afirmar que os resultados corroboram as perspetivas de Barreto (2000) e Belle (1983, cit. in Piliavin & Wong, 2001), já que o isolamento social surge como uma estratégia de  *coping*, pois as relações de proximidade suscitam ansiedade, vulnerabilidade e ausência de controlo. As relações estabelecidas com os elementos do grupo de pares são frequentemente caracterizadas por momentos de violência, insultos e castigos. Estas dinâmicas disfuncionais estão associadas aos significados identificados, nomeadamente, a  *autossuficiência libertadora*, a  *negação do outro* e a  *instrumentalização do mundo*. Estas significações, consolidadas ao longo do tempo, são incompatíveis com o estabelecimento de relações de proximidade positivas. Desta forma, os dados sugerem que será aparentemente mais favorável para o António optar pelo estabelecimento de relações superficiais, essencialmente funcionais. Na verdade, vários autores afirmam que os indivíduos em situação de sem-abrigo tendem a estabelecer este tipo de relações (Anderson & Snow, 1993), pois o diminuto envolvimento emocional parece ser uma estratégia para alcançar uma homeostasia afetiva (Barreto, 2000). Por outro lado, o carácter longitudinal dos dados permitiu corroborar uma outra teoria contrastante, segundo a qual a criação e manutenção de relações sociais é uma estratégia central de adaptação (Jarvis, et al., 2000). O António foi estabelecendo uma rede de suporte que lhe permitiu uma (re)aprendizagem gradual das normas sociais, pelo confronto repetido com as significações interiorizadas (“ *ele mudou muito*” –  *Maria*). Apesar da disfuncionalidade relacional, o António voltava, invariavelmente, ao café - mesmo naqueles dias em que estava de castigo e ficava a jantar sozinho à porta, enquanto chovia e a noite caía - revelando a elevada importância atribuída ao grupo que, embora iniciada por uma motivação instrumental, conduziu à experimentação de uma nova realidade relacional. Adicionalmente, os resultados apontam para a importância do grupo de pares na superação das necessidades do António. Concluindo, apesar de o isolamento social ter sido uma estratégia utilizada pelo António, são evidenciados os benefícios, a longo prazo, da sua integração no grupo de pares. Tal como refere Thoits (1995), a investigação acerca do papel do suporte social na adaptação à

experiência de sem-abrigo é escassa, e muitas vezes contraditória, exacerbando a necessidade de produzir conhecimento a este nível.

Relativamente ao comportamento violento, os resultados apontam para a sua funcionalidade na adaptação à situação de sem-abrigo. Assim, o comportamento violento parece estar associado à manutenção de uma autoestima positiva (Salmivalli, 2001), à defesa duma identidade destemida, lutadora e sobrevivente e ao fortalecimento da coragem e confiança, enquanto pilares fundamentais para a gestão quotidiana. Mais uma vez, é necessário contextualizar esta estratégia nos acontecimentos biográficos. As características da infância sustentam a hipótese de que as relações disfuncionais com as figuras de vinculação impactam negativamente na segurança afetiva percebida, bem como na descredibilização da bondade e confiança nas outras pessoas (Barreto & Bento, 2002). Por conseguinte, o comportamento violento emerge enquanto estratégia defensiva que permite a experimentação da sensação de segurança e autocontrolo (Baumeister, et al., 1996).

Se o isolamento emocional permite uma homeostasia afetiva neutra, se o estabelecimento de relações de proximidade é uma batalha que o António trava continuamente e se o comportamento violento lhe permite a experimentação de segurança, controlo e autoconfiança, podemos corroborar o conceito de “resiliência oculta” (Ungar, 2012). À luz desta teoria, o António poderá ser considerado um homem extremamente resiliente pois, apesar de recorrer a algumas estratégias rotuladas como mal adaptativas, é um sobrevivente no meio da adversidade (Lippman, 2012). Adicionalmente, alegra-se com os pequenos prazeres do dia-a-dia: os seus isqueiros recarregáveis, as “*cervejas fresquinhas*” e os cigarros com a cara de índio. Orgulha-se genuinamente de ser o responsável oficial pelas contas das pontuações do dominó, sempre rápido, sempre confiante, sempre certo, sempre sorridente.

Ao longo destes anos tive a oportunidade de acompanhar a vida do António, presenciando o seu processo de integração no grupo de pares. Como tal, torna-se extremamente necessária a consideração dos “ingredientes-chave” que permitiram o estabelecimento e manutenção destas relações. Torno presentes as palavras da Maria: “*na vida toda ele nunca teve ninguém que se importasse com ele (...) Ficava cada vez mais revoltado. Fazia cada vez coisas piores. E desde que começou a parar aqui, começou a ver este espírito diferente, e mudou*”. O “espírito diferente” que a Maria afirma existir, refere-se ao elemento mais poderoso e transformador, o amor incondicional. Este grupo aceitou o António tal como ele é, com o alcoolismo, o silêncio, os roubos, a violência e todas as outras

características que dele fazem parte (“*demos-lhe o apoio que ele precisava, independentemente da porcaria que fizesse*”). É um grupo que ama, respeita e educa, sem medos, potenciando as transformações que fomos testemunhando. Tal como afirma Sroufe (2005), os perfis de vinculação precoce têm um papel fundamental no desenvolvimento individual, determinando aspetos relativos às relações afetivas. No entanto, estes perfis não são estáticos e, por isso, podem ser alterados ao longo da vida, mediante o estabelecimento de relações significativas (Sroufe, 2005). Este pressuposto é essencial e revela-se um enorme contributo para as práticas interventivas relacionadas com o mundo dos que vivem na rua porque, tal como afirma Emmanuel (2000), a reinserção passa pelo tempo que se dá ao outro para lhe mostrar que ele é uma pessoa importante e digna de ser amada.

Como referem Barreto e Bento (2002), quando mergulhamos em profundidade na vida das pessoas em situação de sem-abrigo, compreendemos que este não é mais do que um processo de desintegração do amor: no mundo interior, reina a angústia e o abandono; na vida afetiva, predominam as vinculações inseguras e outros fantasmas; na vida relacional, alastra-se o isolamento e a rutura; no nome, dos sem-abrigo aos sem-amor. Numa das tardes passadas com o António, em que falávamos da nova cadeira de rodas, perguntei-lhe: “*António, queres mesmo a cadeira elétrica?*”. Nesse momento ele fez uma cara séria, puxou-me para junto dele e sussurrou: “*Mariana, a única coisa que quero é morrer*”. Nesse momento soube que ele abriu o coração e encheu-se de medo... e assim, é impossível (sobre)viver.

Apesar do seu contributo, esta investigação deve ser analisada tendo em conta algumas limitações. Desde logo, a impossibilidade de realizar uma entrevista aprofundada ao António, na medida em que enriqueceria a comparação dos dados de observação com o discurso do sujeito. Adicionalmente, o facto dos registos do diário de campo terem sido efetuados fora do contexto da investigação é tido como uma limitação, pois carecem de um foco centralizado na especificidade das questões de investigação. A metodologia adotada revelou-se globalmente adequada para os objetivos que nos propusemos. No entanto, e apesar de considerarmos ter atingido um retrato rico do fenómeno em estudo junto da situação de sem-abrigo, a generalização desses processos para outras trajetórias de vida deve ser encarada com reserva. Mais estudos de natureza qualitativa, com uma maior diversidade de trajetórias de vida, deverão enriquecer esta compreensão.

## 6. Bibliografia

- Aires, L. (2011). *Paradigma qualitativo e práticas de investigação educacional*. Universidade Aberta.
- Aldeia, J. M. (2011). «A barraca do Rui». *Os laços sociais no fenómeno dos sem-abrigo* (Dissertação de Mestrado não publicada). Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra, Coimbra.
- Anderson, L., & Snow, D. A. (1993). *Down on their luck: A study of homeless street people* [Google Books version]. Retirado de [http://books.google.pt/books?id=gGCqJic8ms4C&printsec=frontcover&dq=down+on+their+luck&hl=pt-BR&sa=X&ei=89gtU8DgI8OUhQfa1oG4BQ&redir\\_esc=y#v=onepage&q=down%20on%20their%20luck&f=false](http://books.google.pt/books?id=gGCqJic8ms4C&printsec=frontcover&dq=down+on+their+luck&hl=pt-BR&sa=X&ei=89gtU8DgI8OUhQfa1oG4BQ&redir_esc=y#v=onepage&q=down%20on%20their%20luck&f=false)
- Andrade, L. P., Costa, S. M., & Marquetti, F. C. (2014). A rua tem um ímã, acho que é a liberdade: potência, sofrimento e estratégias de vida entre moradores de rua na cidade de Santos, no litoral do Estado de São Paulo. *Saúde e Sociedade*, 23(4), 1248-1261. doi: 10.1590/S0104-12902014000400011
- Angrosino, M. (2007). *Doing Ethnographic and Observational Research*. London: SAGE Publications Ltd.
- Bahr, H. M., & Caplow, T. (1968). Homelessness, affiliation, and occupational mobility. *Social Forces*, 47(1), 28-33.
- Baptista, C., & Sousa, M. J. (2011). *Como fazer investigação, dissertações, teses e relatórios segundo Bolonha*. Lisboa: PACTOR.
- Barnard, P., Morland, I., & Nagy, J. (1999) (1st ed.). *Children, Bereavement and Trauma: Nurturing Resilience*. London: Jessica Kingsley Publishers.
- Barreto, E. R. (2000). *Vinculação e relações de objecto dos sem-abrigo: Um estudo exploratório* (Dissertação de Mestrado não publicada). Instituto Superior de Psicologia Aplicada, Lisboa.
- Barreto, E. R., & Bento, A. (2002). *Sem-amor sem-abrigo*. Lisboa: Climepsi.
- Baumeister, R. F., Boden, J. M., & Smart, L. (1996). Relation of threatened egotism to violence and aggression: The dark side of high self-esteem. *Psychological Review*, 103(1), 5-33.

- Becker, H. (1963). *Outsiders: Studies in the Sociology of Deviance*. Glencoe: The Free Press.
- Bender, K., Flynn, P. M., Lantry, J., McManus, H., & Thompson, S. J. (2007). Capacity for survival: Exploring strengths of homeless street youth. *Child Youth Care Forum*, 36, 25-42. doi: 10.1007/s10566-006-9029-4
- Bettencourt, J. I. (2010). *Sem-abrigo: Estratégias de adaptação à experiência* (Dissertação de Mestrado não publicada). Faculdade de Educação e Psicologia da Universidade Católica Portuguesa, Porto.
- Bruto da Costa, A. (1998). *Exclusões Sociais*. Lisboa: Gradiva.
- Cação, R. (2008). Análise Qualitativa de Dados com o NVIVO. Retirado de <http://www.slideshare.net/rosariocacao/anlise-qualitativa-de-dados-com-o-nvivo-1334976>
- Caria, T. (2003). *Experiência etnográfica em ciências sociais*. Porto: Afrontamento.
- Carrinho, P. C. (2012). *A saúde mental dos sem-abrigo: Comunidades de inserção* (Dissertação de Doutoramento não publicada). Universidade de Aveiro, Aveiro.
- Castel, R. (2000). The roads to disaffiliation: Insecure work and vulnerable relationships. *International Journal of Urban and Regional Research*, 24(3), 519-535.
- Cyrułnik, B. (2001). *Uma infelicidade maravilhosa: vencer os fracassos da infância*. Porto: Ambar.
- Davidson, L., & Kidd, S. A. (2007). “You have to adapt because you have no other choice”: The stories of strength and resilience of 208 homeless youth in New York city and Toronto. *Journal of Community Psychology*, 35(2), 219-238.
- Denzin, N. K., & Lincoln, Y. S. (2000) (2nd ed.). *Handbook of qualitative research*. Thousand Oaks: Sage.
- Dixon, L. E., Nyamathi, A. M. & Stein, J. A. (2008). Effects of psychosocial and situational variables on substance abuse among Homeless adults. *Psychology of Addictive Behaviors*, 22(3), 410 – 416. doi: 10.1037/0893-164X.22.3.410
- Emmanuel, L. (2000). *Totalidade e infinito*. Brasil: Edições 70.

- Fernandes, L. (2002). Um diário de campo nos territórios psicotrópicos: as facetas da escrita etnográfica. In T. Caria (Org.), *Experiência etnográfica em ciências sociais* (pp. 23-40). Porto: Edições Afrontamento.
- Fernandes, M. M. (2006). *Fechados no silêncio: Os sem-abrigo* (Dissertação de Mestrado não publicada). Universidade Aberta, Porto.
- Fetterman, D. (1998). *Ethnography: Step by Step*. California: SAGE Publications.
- Folkman, S., & Lazarus, R. S. (1988). *Manual for the ways of coping questionnaire*.
- Franzosi, R. (2007). Content Analysis: Objective, Systematic, and Quantitative Description of Content.
- Gerring, J. (2007). *Case Study research: Principles and practices*. USA: Cambridge University Press.
- Guba, E. G., & Lincoln, Y. S. (1994). Competing paradigms in qualitative research. In N. K. Denzin & Y. S. Lincoln (Eds.), *Handbook of qualitative research* (pp. 105- 117). Thousand Oaks: Sage.
- Guedeney, A., & Guedeney, N. (2002). *Vinculação: Conceitos e aplicações*. Lisboa: Climepsi.
- Hagan, J., & Mccarthy, B. (2005). Danger and the decision to offend. *Social Forces*, 83(3), 1065-1096.
- Haynes, N. (1997). Doing qualitative analysis in psychology. [Google Books version]. Retirado de [http://www.google.pt/books?hl=pt-PT&lr=&id=Jz1cAgAAQBAJ&oi=fnd&pg=PP1&dq=doing+qualitative+analysis+in+psychology&ots=umZQJWSniu&sig=fQ09m9wX2Ivt\\_JUZ8N7VbJbEeiM&redir\\_esc=y#v=onepage&q=doing%20qualitative%20analysis%20in%20psychology&f=false](http://www.google.pt/books?hl=pt-PT&lr=&id=Jz1cAgAAQBAJ&oi=fnd&pg=PP1&dq=doing+qualitative+analysis+in+psychology&ots=umZQJWSniu&sig=fQ09m9wX2Ivt_JUZ8N7VbJbEeiM&redir_esc=y#v=onepage&q=doing%20qualitative%20analysis%20in%20psychology&f=false)
- Heerde, J. A., Hemphill, S. A., & Scholes-Balog, K. E. (2014). 'Fighting' for survival: A systematic review of physically violent behavior perpetrated and experienced by homeless young people. *Aggression and Violent Behavior*, 19, 50-66.
- Instituto da Segurança Social (2009). *Estratégia Nacional para a Integração de Pessoas Sem-Abrigo: Prevenção, intervenção e acompanhamento*.

- Jarvis, S., Kurtz, P. D., Lindsey, E. W., Nackerud, L., & Williams, N.R. (2000). How runaway and homeless youth navigate troubled waters: Personal strengths and resources. *Child and Adolescent Social Work Journal*, 17(2), 115 – 141.
- Jesus, M. F., & Menezes, I. (2010). A experiência de sem-abrigo como promotora de empoderamento psicológico. *Análise Psicológica*, 3(28), 527-535.
- Kennedy, M. (2012). Youth homelessness: A review of the literature. *Journal of Sociology*, 3(2), 95-110.
- Kidd, S. A. (2003). Street youth: Coping and interventions. *Child and Adolescent Social Work Journal*, 20(4), 235-261.
- Kotchapaw, L. (2011). *Homelessness and Resilience*. Ambrose University College, Canada.
- Krippendorff, K. (2003) (2nd ed.). *Content analysis: An introduction to its methodology*. University of Pennsylvania: Sage Publications.
- Libório, R. M., & Ungar, M. (2010). Resiliência oculta: a construção social do conceito e suas implicações para práticas profissionais junto a adolescentes em situação de risco. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 23(3), 476-484.
- Liebscher, P. (1998). Quantity with quality? Teaching quantitative and qualitative methods in a LIS Master's program. *Library Trends*, 46(4), 668-680.
- Lippman, A. D. (2012). *Homeless young adults: An exploratory study examining resiliency and coping* (Dissertação de Doutorado não publicada). University of Texas, Austin.
- Machado, A. F. (2012). *Trajectórias de exclusão social em mulheres sem-abrigo: Um estudo de caso* (Dissertação de Mestrado não publicada). Universidade Católica Portuguesa, Porto.
- Malindi, M. J., & Theron, L. C. (2010). The hidden resilience of street youth. *Psychological Society of South Africa*, 40(3), 318-326.
- Martins, A. M. (2007). *As sem-abrigo de Lisboa* (Dissertação de Mestrado não publicada). Universidade Aberta, Lisboa.
- Martins, A. S. (2012). *Decisão Judicial processos-crime de abuso sexual de crianças: Valoração das perícias psicológicas forenses* (Dissertação de Mestrado não publicada). Faculdade de Educação e Psicologia da Universidade Católica Portuguesa, Porto.

- Matza, D., & Sykes, G. M. (1957). Techniques of neutralization: a theory of delinquency. *American Sociological Review* 22(6), 664-670.
- Melo, R. (2002). Os quês e os porquês na prevenção primária das toxicodependências. *Revista toxicodependências*, 8(2), 23-28.
- Miguel, M. C. (2007). *Prevalência de Sem-Abrigo ao longo da vida e atitudes face aos Sem-Abrigo em Portugal* (Dissertação de Mestrado não publicada). Instituto Superior de Psicologia Aplicada, Lisboa.
- Muñoz, M., Bermejo, M., Vázquez, C., & Vázquez, J. J. (1999). Stressful life events among homeless people: quantity, types, timing, and perceived causality. *Journal of Community Psychology*, 27(1), 73-87.
- Osborne, R. (2002). "I May be Homeless, But I'm Not Helpless": The Costs and Benefits of Identifying with Homelessness. *Self and Identity*, 1, 43-52.
- Parsell, C. (2010a). *An ethnographic study of the day-to-day lives and identities of people who are homeless in Brisbane*. (Dissertação de Doutoramento não publicada). University of Queensland, Australia.
- Parsell, C. (2010b). Homeless is What I Am, Not Who I Am: Insights from an Inner-City Brisbane Study. *Urban Policy and Research*, 28(2), 181-194. doi: 10.1080/08111141003793966
- Parsell, C. (2011). Homeless identities: enacted and ascribed. *The British Journal of Sociology*, 62(3), 442-461.
- Pereira, J. (2006). *As redes sociais na reinserção social dos sem-abrigo* (Relatório de estágio). Instituto Superior Miguel Torga, Coimbra.
- Piliavin, I., & Wong, Y. I. (2001). Stressors, resources, and distress among homeless persons: a longitudinal analysis. *Social Science & Medicine*, 52, 1029-1042.
- Rokach, A. (2008). How do the homeless cope with loneliness? *Psychology Journal*, 5(4), 215-227.
- Rosa, V. S. (2012). *Laços sociais e capital social nas narrativas das pessoas em situação de sem-abrigo*. (Dissertação de Mestrado não publicada). Instituto Superior Miguel Torga, Coimbra.

- Salmivalli, C. (2001). Feeling good about oneself, being bad to others? Remarks on self-esteem hostility, and aggressive behaviour. *Agression and Violent Behavior*, 6, 375-393.
- Silva, S. M. P. (2011). *Viver com ou sem-abrigo: Etnografia de lugares vagos*. (Dissertação de Doutoramento não publicada). Universidade de Lisboa, Instituto de Educação, Lisboa.
- Somerville, P. (2013). Housing, theory and society. *The Institute of Housing and Urban Research*, 30, 384-415. doi: 10.1080/14036096.2012.756096
- Soufre, L. A. (2005). Attachment and development: A prospective, longitudinal study from birth to adulthood. *Attachment & Human Development*, 7(4), 349 – 367.
- Thelen, L. (2006). *L'exil de soi. Sans-abri d'ici et d'ailleurs*. Bruxeles: Travaux et recherché. Bruxelles: Travaux et recherches.
- Thoits, P. A. (1995). Stress, coping, and social support processes: Where are we? What next? *Journal of Health and Social Behavior*, 53-79.
- Ungar, M. (2004). A constructionist discourse on resilience: Multiple contexts, multiple realities among at-risk children and youth. *Youth and Society*, 35(3), 341-365.
- Ungar, M. (2012). Researching and theorizing resilience across cultures and contexts. *Preventive Medicine*, 55, 387-389. doi: 10.1016/j.ypmed.2012.07.021
- Viegas, I. (2013). *Morar na rua: um estudo sobre sobrevivência e identidade de pessoas sem-abrigo*. (Dissertação de Mestrado não Publicada). Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação, Porto.
- Whitebeck, L. B. (2009). Mental health and emerging adulthood among homeless young people [Google Books version]. Retirado de [http://books.google.pt/books?id=EGvBfT5zEfoC&printsec=frontcover&hl=pt-PT&source=gbs\\_ge\\_summary\\_r&cad=0#v=onepage&q&f=false](http://books.google.pt/books?id=EGvBfT5zEfoC&printsec=frontcover&hl=pt-PT&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false)

# Anexos

**Anexo A. Fontes**

<b>Fontes</b>	<b>Tipo</b>	<b>Conteúdo</b>	<b>Data</b>
Fonte 0 - Dados Sociodemográficos	Informativo	Compilação de informação recolhida ao longo de tempo	-
Fonte 1 - “Sempre tive medo de te dizer olá”	Diário de campo	Descrição situacional	12.01.2013
Fonte 2 - "A rotunda”	Diário de campo	Compilação de informação recolhida ao longo de tempo	Fevereiro 2013 - Maio 2013
Fonte 3 - "O reencontro”	Diário de campo	Descrição situacional	09.10.2013
Fonte 4 - "O café- Santa Casa da Misericórdia do Copo”	Diário de campo	Compilação de informação recolhida ao longo de tempo	Outubro 2013 - Abril 2014
Fonte 5 - "A rotina”	Diário de campo	Compilação de informação recolhida ao longo de tempo	Outubro 2013 - Março 2014
Fonte 6 - "Dominó”	Diário de campo	Descrição situacional	Outubro 2013
Fonte 7 - "A cadeira de rodas”	Diário de campo	Descrição situacional	02.02.2014
Fonte 8 - "Modo autodestruição”	Diário de campo	Descrição situacional	06.02.2014
Fonte 9 - "Parabéns!”	Diário de campo	Descrição situacional	14.02.2014
Fonte 10 - "Surpresa!”	Diário de campo	Descrição situacional	28.02.2014
Fonte 11 - "Eu casei-me com o medo”	Diário de campo	Descrição situacional	07.04.2014
Fonte 12 - "Foi preso”	Diário de campo	Descrição situacional	08.04.2014
Fonte 13 - "Natal na prisão”	Notas de terreno	Descrição situacional	18.12.2014
Fonte 14 - "Visita à prisão”	Notas de terreno	Descrição situacional	06.03.2015
Fonte 15 - Rui	Entrevista	Informação recolhida	20.03.2015
Fonte 16 - Maria	Entrevista	Informação recolhida	03.04.2015

## Anexo B. Sistema de Categorias (codificação e categorização)

### A. Cenas de Vida (categoria de 1ª ordem) - Nesta categoria cotaram-se todas as unidades de registo relativas a acontecimentos de vida do participante

#### A1. Cenas de infância - Nesta categoria cotaram-se todas as unidades de registo relativas a acontecimentos significativos que ocorreram na infância do participante

Código	Designação	Descrição	Exemplo	Fontes	Referências
(A1.1)	Cena de abandono	Cotam-se nesta categoria todas as unidades de registo referentes a episódios de abandono na sua infância	<i>“Quando tinha 7/8 anos foi expulso de casa pelo pai” (F0, notas de terreno)</i>	1	2
(A1.2)	Cena de alcoolismo parental	Cotam-se nesta categoria todas as unidades de registo referentes a episódios de alcoolismo parental na sua infância	<i>“Ao sábado recebia o ordenado e ia para o bailarico (...) quando voltava a casa na segunda-feira já não havia nada” (F14, fragmento discursivo)</i>	2	4
(A1.3)	Cena de fome	Cotam-se nesta categoria todas as unidades de registo referentes a episódios de fome na sua infância	<i>“Pois claro que tinha [fome] - disse ele com um ar admirado.” (F14, fragmento discursivo)</i>	1	7
(A1.4)	Cena de fuga	Cotam-se nesta categoria todas as unidades de registo referentes a episódios de fuga na sua infância	<i>“Relata fugas sucessivas destes locais [instituições de acolhimento]” (F0, notas de terreno)</i>	1	2
(A1.5)	Cena de hospitalização	Cotam-se nesta categoria todas as unidades de registo referentes a episódios de hospitalização na sua infância	<i>“Eu tive um ano internado no hospital com tuberculose, ainda tenho a marca da operação no peito, olha...” (F14, fragmento discursivo)</i>	1	3
(A1.6)	Cena de institucionalização	Cotam-se nesta categoria todas as unidades de registo referentes a episódios de institucionalização na sua infância	<i>“Refere a existência de algumas tentativas de institucionalização” (F0, notas de terreno)</i>	1	1
(A1.7)	Cena de maltrato	Cotam-se nesta categoria todas as unidades de registo referentes a episódios de maltrato na sua infância	<i>“Disse-me que levava muita “porrada” quando era criança” (F0, notas de terreno)</i>	1	2
(A1.8)	Cena de perda	Cotam-se nesta categoria todas as unidades de registo referentes a episódios de perda/morte de figuras significativas na sua infância	<i>“ O meu irmão mais novo, morreu sem eu saber de que... antes de eu entrar para a escola” (F14, fragmento discursivo)</i>	2	6
(A1.9)	Cena de pobreza	Cotam-se nesta categoria todas as unidades de registo referentes a episódios de pobreza na sua infância	<i>“- E tinham dinheiro? - Então... Não... nessa altura eramos 5 irmãos”(F14, fragmento discursivo)</i>	1	6
(A1.10)	Cena de separação	Cotam-se nesta categoria todas as unidades de registo referentes a episódios de separação na sua infância	<i>“As minhas duas irmãs mais velhas já tinham ido embora, fugiram” (F14, fragmento discursivo)</i>	1	1
(A1.11)	Cena de violência doméstica	Cotam-se nesta categoria todas as unidades de registo referentes a episódios de violência doméstica na sua infância	<i>“ Quando tinha 5/6 anos o seu pai esfaqueou a sua mãe” (F0, notas de terreno)</i>	1	1

A2 Cenas da idade adulta - Nesta categoria cotaram-se todas as unidades de registo relativas a acontecimentos significativos que ocorreram durante a idade adulta

<b>Código</b>	<b>Designação</b>	<b>Descrição</b>	<b>Exemplo</b>	<b>Fontes</b>	<b>Referências</b>
(A2.1)	Cena de serviço militar	Cotam-se nesta categoria todas as unidades de registo referentes à experiência de serviço militar	<i>“Escolhi o paraquedismo (...) a melhor liberdade” (F11, fragmento discursivo)</i>	2	9
(A2.2)	Cena de trabalho ilegal	Cotam-se nesta categoria todas as unidades de registo referentes a episódios de trabalho ilegal	<i>“A descarregar carne no Mercado, recebia uns trocos”(F0, fragmento discursivo)</i>	1	7
(A2.3)	Cena de amputação perna	Cotam-se nesta categoria todas as unidades de registo referentes à amputação das pernas	<i>“Ele explicou-me que teve de amputar a perna direita, mas já se estava a sentir melhor” (F3, notas de terreno)</i>	1	3
(A2.4)	Cena de reclusão	Cotam-se nesta categoria todas as unidades de registo referentes à experiência de reclusão	<i>“O António foi preso em abril” (F11, notas de terreno)</i>	1	1

**B. Comportamentos (categoria de 1ª ordem)** - Nesta categoria cotaram-se todas as unidades de registo relativas aos comportamentos do participante

B1 Comportamentos Antissociais – Nesta categoria cotaram-se todas as unidades de registo relativas a comportamentos que contrastem com as normas da sociabilidade

B1.1 Comportamentos violentos – Nesta categoria cotaram-se todas as unidades de registo referentes a comportamentos violentos

B1.1.1 Violência física – Nesta categoria cotaram-se todas as unidades de registo referentes a situações de violência física

<b>Código</b>	<b>Designação</b>	<b>Descrição</b>	<b>Exemplo</b>	<b>Fontes</b>	<b>Referências</b>
(B1.1.1.1)	Atirar	Cotam-se nesta categoria todas as unidades de registo referentes ao comportamento de atirar	<i>“Pegou no porta-chaves e atirou-o bruscamente para o meio da mesa” (F9, observação)</i>	1	1
(B1.1.1.2)	Atropelar	Cotam-se nesta categoria todas as unidades de registo referentes ao comportamento de atropelar	<i>“Começou a fazer marcha atrás, sem sequer olhar para ver as pessoas a passar” (F11, observação)</i>	5	6
(B1.1.1.3)	Bater	Cotam-se nesta categoria todas as unidades de registo referentes ao comportamento de bater	<i>“Se alguém lhe tirasse o cigarro outra vez, ele leva tudo à frente, não se fica” (F16, fragmento discursivo)</i>	4	14
(B1.1.1.4)	Cuspir	Cotam-se nesta categoria todas as unidades de registo referentes ao comportamento de cuspir	<i>“Era capaz de lhe cuspir, maltratar” (F16, fragmento discursivo)</i>	1	1
(B1.1.1.5)	Furto	Cotam-se nesta categoria todas as unidades de registo referentes a situações de furto	<i>“As coisas estavam abandonadas em cima da mesa!” (F11, fragmento discursivo)</i>	1	12
(B1.1.1.6)	Partir	Cotam-se nesta categoria todas as unidades de registo referentes ao comportamento de partir	<i>“ Durante o jantar o António partiu dois pratos” (F9, observação)</i>	2	4
(B1.1.1.7)	Rasgar	Cotam-se nesta categoria todas as unidades de registo referentes ao comportamento de rasgar	<i>“Pegou no saco e, depois de alguns segundos, rasgou-o com muita força” (F10, observação)</i>	2	2
(B1.1.1.8)	Tentar esfaquear	Cotam-se nesta categoria todas as unidades de registo referentes a tentativas de esfaquear	<i>“Ele ‘desafiou’ um polícia com uma faca” (F12, fragmento discursivo)</i>	1	1
(B1.1.1.9)	Trincar	Cotam-se nesta categoria todas as unidades de registo referentes ao comportamento de trincar	<i>“Ele apanhou-lhe a mão, ferrou, mordeu” (F6, fragmento discursivo)</i>	2	9

B1.1.2 Violência verbal - Nesta categoria cotaram-se todas as unidades de registo referentes a situações de violência verbal

<b>Código</b>	<b>Designação</b>	<b>Descrição</b>	<b>Exemplo</b>	<b>Fontes</b>	<b>Referências</b>
(B1.1.2.1)	Ameaçar	Cotam-se nesta categoria todas as unidades de registo referentes ao comportamento de ameaçar	<i>“Ameaçava bater-lhe” (F9, observação)</i>	8	15
(B1.1.2.2)	Gritar	Cotam-se nesta categoria todas as unidades de registo referentes ao comportamento de gritar	<i>“Quando o António está assim [alcoolizado] fala muito alto e é agressivo” (F9, observação)</i>	5	16
(B1.1.2.3)	Insultar	Cotam-se nesta categoria todas as unidades de registo referentes ao comportamento de insultar	<i>“Vai-te foder cabrão” (F11, fragmento discursivo)</i>	7	21
(B1.1.2.4)	Provocar	Cotam-se nesta categoria todas as unidades de registo referentes ao comportamento de provocar	<i>“O M. esteve durante o tempo todo a provocar o taxista” (F9, observação)</i>	3	4

B1.2 Comportamentos auto destrutivos - Nesta categoria cotaram-se todas as unidades de registo referentes a comportamentos que ponham a perigo a segurança individual

<b>Código</b>	<b>Designação</b>	<b>Descrição</b>	<b>Exemplo</b>	<b>Fontes</b>	<b>Referências</b>
(B1.2.2)	Andar no meio da rua	Cotam-se nesta categoria todas as unidades de registo referentes ao andar no meio da rua	<i>“Começou a ir na cadeira no meio da rua, lentamente, com carros atrás” (F8, fragmento discursivo)</i>	1	4
(B1.2.3)	Atirar-se para a estrada	Cotam-se nesta categoria todas as unidades de registo referentes a situações em que se atira para a estrada	<i>“Foi imediatamente projetado para o meio da estrada” (F9, observação)</i>	1	5
(B1.2.4)	Beber álcool	Cotam-se nesta categoria todas as unidades de registo referentes ao comportamento de beber álcool	<i>“Ele estava (quase) sempre estendido no chão (...) com garrafas de álcool” (F1, observação)</i>	7	24

B1.3 Isolamento social - Nesta categoria cotaram-se todas as unidades de registo referentes ao isolamento social

<b>Código</b>	<b>Designação</b>	<b>Descrição</b>	<b>Exemplo</b>	<b>Fontes</b>	<b>Referências</b>
(B1.3.1)	Estar sozinho	Cotam-se nesta categoria todas as unidades de registo referentes a episódios de solidão	<i>“Estava separado fisicamente do resto do grupo” (F1, observação)</i>	1	6
(B1.3.2)	Não falar sobre si	Cotam-se nesta categoria todas as unidades de registo referentes à ausência de exposição/partilha	<i>“Ele não é muito de conversa” (F16, fragmento discursivo)</i>	2	4

B2. Atividades - Nesta categoria cotaram-se todas as unidades de registo relativas a atividades

<b>Código</b>	<b>Designação</b>	<b>Descrição</b>	<b>Exemplo</b>	<b>Fontes</b>	<b>Referências</b>
(B2.1)	Conversar	Cotam-se nesta categoria todas as unidades de registo referentes a momentos de conversa	<i>“Noutros dias o ambiente é mais calmo e podemos conversar” (F4, notas de terreno)</i>	7	15
(B2.2)	Jogar dominó	Cotam-se nesta categoria todas as unidades de registo referentes ao jogar dominó	<i>“Quando chegava comia e depois punha-se a jogar dominó” (F16, fragmento discursivo)</i>	4	10
(B2.3)	Ouvir música	Cotam-se nesta categoria todas as unidades de registo referentes ao ouvir música	<i>“Ou fica simplesmente a ouvir a música” (F5, notas de terreno)</i>	2	2

B3. Comportamentos pró sociais - Nesta categoria cotaram-se todas as unidades de registo relativas a comportamentos que revelem uma adequação social

<b>Código</b>	<b>Designação</b>	<b>Descrição</b>	<b>Exemplo</b>	<b>Fontes</b>	<b>Referências</b>
(B3.1)	Acalmar	Cotam-se nesta categoria todas as unidades de registo referentes ao comportamento de acalmar alguém	<i>“Calma, calma!” (F11, fragmento discursivo)</i>	2	2
(B3.2)	Ajudar	Cotam-se nesta categoria todas as unidades de registo referentes a comportamentos de ajuda	<i>“Vinha um homem a empurrar a sua cadeira” (F13, observação)</i>	4	7
(B3.3)	Colaborar	Cotam-se nesta categoria todas as unidades de registo referentes a comportamentos colaborativos	<i>“O António estava motivado e envolvido em todo o processo” (F7, notas de terreno)</i>	1	2
(B3.4)	Dizer uma piada	Cotam-se nesta categoria todas as unidades de registo referentes a comportamentos de humor	<i>“Tu podes fazer as perguntas que quiseres, eu posso é não responder” (F1, fragmento discursivo)</i>	4	7
(B3.5)	Escolher a roupa	Cotam-se nesta categoria todas as unidades de registo referentes à escolha de roupa (preocupação)	<i>“Perguntou-me qual é que eu achava que ficava melhor para aquele momento” (F7, nota de terreno)</i>	1	1
(B3.6)	Oferecer	Cotam-se nesta categoria todas as unidades de registo referentes ao ato de partilhar	<i>“Comprei-te uma prenda” (F10, fragmento discursivo)</i>	4	11
(B3.7)	Pedir ajuda	Cotam-se nesta categoria todas as unidades de registo referentes ao ato de pedir ajuda	<i>“Tinha ficado na rua sem bateria, uns senhores ofereceram-se para o levar a casa” (F8, nota terreno)</i>	1	1
(B3.8)	Sorrir	Cotam-se nesta categoria todas as unidades de registo referentes ao ato de sorrir	<i>“Sorriu” (F7, observação)</i>	1	3
(B3.9)	Querer mudar	Cotam-se nesta categoria todas as unidades de registo referentes ao ato de mudar	<i>“Pegou no meu braço, baixou-me e disse-me ao ouvido que ia tentar” (F8, nota de terreno)</i>	1	1
(B3.10)	Visitar	Cotam-se nesta categoria todas as unidades de registo referentes ao ato de visitar	<i>“Já não o visitávamos desde o natal” (F14, nota de terreno)</i>	2	3

C. Direção (categoria de 1ª ordem) - Nesta categoria cotaram-se todas as unidades de registo relativas à direção dos comportamentos (quem apresenta o comportamento?)

<b>Código</b>	<b>Designação</b>	<b>Descrição</b>	<b>Exemplo</b>	<b>Fontes</b>	<b>Referências</b>
(C1)	António - Outro	Cotam-se nesta categoria todas as unidades de registo referentes a comportamentos/sentimentos/ações do António	<i>“Oferecia-me sempre um bocado da sua cerveja” (F2, notas de terreno)</i>	12	72
(C2)	Outro - António	Cotam-se nesta categoria todas as unidades de registo referentes a comportamentos/sentimentos/ações dirigidas para o António	<i>“Tive uma altura em que eu acabei com o jogo, proibido de jogar”(F16, fragmento discursivo)</i>	14	79

**D. Funcionamento Psicológico (categoria de 1ª ordem)** - Nesta categoria cotaram-se todas as unidades de registo relativas a aspetos do funcionamento psicológico**D1 Características identitárias** - Nesta categoria cotaram-se todas as unidades de registo relativas a características identitárias

<b>Código</b>	<b>Designação</b>	<b>Descrição</b>	<b>Exemplo</b>	<b>Fontes</b>	<b>Referências</b>
(D1.1)	Altruísta	Cotam-se nesta categoria todas as unidades de registo referentes à característica do altruísmo	<i>“Comprei-te uma prenda” (F10, fragmento discursivo)</i>	2	11
(D1.2)	Destemido	Cotam-se nesta categoria todas as unidades de registo referentes à característica do ser destemido	<i>“Eu casei-me com o medo” (F11, fragmento discursivo)</i>	7	25
(D1.3)	Egocêntrico	Cotam-se nesta categoria todas as unidades de registo referentes à característica do egocentrismo	<i>“Eu e eu!” (F11, fragmento discursivo)</i>	6	28
(D1.4)	Empático	Cotam-se nesta categoria todas as unidades de registo referentes à característica da empatia	<i>“Ela gostou não gostou?” (F10, fragmento discursivo)</i>	4	11
(D1.5)	Humilde	Cotam-se nesta categoria todas as unidades de registo referentes à característica da humildade	<i>“Faço o que for preciso” (F7, fragmento discursivo)</i>	3	3
(D1.6)	Insanidade/doença	Cotam-se nesta categoria todas as unidades de registo referentes à característica da insanidade	<i>“Andava pelo meio da rua como se a única coisa que procurasse fosse a morte, sorrindo” (F8, observação)</i>	3	16
(D1.8)	Lutador	Cotam-se nesta categoria todas as unidades de registo referentes à característica do ser lutador	<i>“Sobrevivi” (F11, fragmento discursivo)</i>	4	6
(D1.9)	Sentido de humor	Cotam-se nesta categoria todas as unidades de registo referentes à característica do sentido de humor	<i>“Basta começares a correr que eu fico logo para trás” (F1, fragmento discursivo)</i>	7	11

**D2 Significações** - Nesta categoria cotaram-se todas as unidades de registo relativas às significações e crenças do participante

<b>Código</b>	<b>Designação</b>	<b>Descrição</b>	<b>Exemplo</b>	<b>Fontes</b>	<b>Referências</b>
(D2.1)	Auto afirmação	Cotam-se nesta categoria todas as unidades de registo referentes à significação de auto afirmação	<i>“Vai-te foder cabrão!” (F11, fragmento discursivo)</i>	8	25
(D2.2)	Autossuficiência	Cotam-se nesta categoria todas as unidades de registo referentes à significação de autossuficiência	<i>“Não precisava de ninguém” (F11, fragmento discursivo)</i>	2	9
(D2.3)	Instrumentalização do mundo	Cotam-se nesta categoria todas as unidades de registo referentes à significação de instrumentalização	<i>“Fica á minha guarda” (F11, fragmento discursivo)</i>	4	19
(D2.4)	Negação dos outros	Cotam-se nesta categoria todas as unidades de registo referentes à significação de negação dos outros	<i>“Quase que passou com a cadeira por cima de uma pessoa” (F11, observação)</i>	5	24
(D2.5)	Proteção	Cotam-se nesta categoria todas as unidades de registo referentes à significação de proteção	<i>“Fechar o coração” (F4, nota de terreno)</i>	3	11
(D2.6)	Locus de controlo externo	Cotam-se nesta categoria todas as unidades de registo referentes à significação de locus de controlo externo	<i>“Uma coisa é ter a intenção premeditada” (F13, fragmento discursivo)</i>	3	8
(D2.7)	Negação da vítima	Cotam-se nesta categoria todas as unidades de registo referentes à significação de negação da vítima	<i>“Se eles precisarem desviam-se” (F10, fragmento discursivo)</i>	2	12

D3 Sentimentos - Nesta categoria cotaram-se todas as unidades de registo relativas aos sentimentos

D3.1 Sentimentos positivos – Nesta categoria cotaram-se todas as unidades de registo relativas a sentimentos positivos que evidenciam bem-estar

Código	Designação	Exemplo	F	R	Código	Designação	Exemplo	F	R
(D3.1.1)	Agradecido	“Desejo sempre saúde a quem” (F5, fragmento discursivo)	2	7	(D3.1.8)	Interesse	“Isqueiros com lanternas” (F1, notas de terreno)	5	13
(D3.1.2)	Alegria	“Esboçando um sorriso escondido” (F7, observação)	5	20	(D3.1.9)	Liberdade	“Paraquedismo” (F11, fragmento discursivo)	3	12
(D3.1.3)	Autonomia	“Estava sozinho a voar!” (F11, fragmento discursivo)	5	12	(D3.1.10)	Nervosismo	“Perguntou-me qual e que eu achava que ficava melhor” (F7, notas de terreno)	3	6
(D3.1.4)	Competência	“Mostrou-me que as luzes da bateria estavam acesas” (F7, observação)	6	15	(D3.1.11)	Orgulho	“Eu fiz uma escolha em 1971” (F11, fragmento discursivo)	4	20
(D3.1.5)	Entusiasmo	“Todos faziam uns gestos de incentivo” (F10, observação)	5	14	(D3.1.12)	Pertença	“é este grupo que o aceita como ele é” (F10, fragmento discursivo)	2	6
(D3.1.6)	Esperança	“Ele está a mudar” (F10, fragmento discursivo)	2	5	(D3.1.13)	Responsabili	“Dar banho ao António” (F4, notas de terreno)	3	9
(D3.1.7)	Felicidade	“Estava a sorrir de felicidade” (F7, observação)	3	8	(D3.1.14)	Saudade	“Nunca mais o viu” (F2, nota de terreno)	1	1

D3.2 Sentimentos negativos - Nesta categoria cotaram-se todas as unidades de registo relativas a sentimentos negativos

Código	Designação	Exemplo	F	R	Código	Designação	Exemplo	F	R
(D3.2.1)	Agressividade	“Era capaz de lhe cuspir, maltratar” (F16, fragmento discursivo)	7	41	(D3.2.15)	Indignação	“Dá-me tu não brincas” (F11, fragmento discursivo)	2	4
(D3.2.2)	Arrogância	“Era um homem arrogante” (F15, fragmento discursivo)	2	5	(D3.2.16)	Irritabilidade	“A quem querias que desse?” (F11, fragmento discursivo)	4	9
(D3.2.3)	Aus. culpa	“Não tenho remorsos” (F13, fragmento discursivo)	4	25	(D3.2.17)	Medo	“Por precaução (...)” (F11, notas de terreno)	4	14
(D3.2.4)	Ausência liberdade	“Via-se incapaz de tudo” (F16, fragmento discursivo)	3	5	(D3.2.18)	Não amar	“Era melhor fechar o coração?” (F4, notas de terreno)	1	3
(D3.2.5)	Ausência de medo	“Não tenho medo de nada” (F11, fragmento discursivo)	7	25	(D3.2.19)	Sofrimento	“Tu não sofres do coração” (F11, fragmento discursivo)	3	10
(D3.2.6)	Culpa	“Expressava um misto de culpa e alegria” (F8, observação)	1	3	(D3.2.20)	Pena	“Pobre homem” (F15, fragmento discursivo)	1	1
(D3.2.8)	Desconfiança	“Dizia que era batoteiro” (F16, fragmento discursivo)	3	3	(D3.2.21)	Preocupação	“Pensei que poderia ter acontecido algo” (F10, nota de terreno)	7	19
(D3.2.9)	Impotência	“A única coisa que quero é morrer” (F11, fragmento discursivo)	4	15	(D3.2.22)	Revolta	“Punham intencionalmente Creolina” (F0, notas de terreno)	5	22
(D3.2.10)	Evitamento	“Não olhar” (F1, notas de terreno)	1	2	(D3.2.23)	Negação	“Dizia que não roubava” (F11, notas de terreno)	1	3
(D3.2.11)	Fúria	“Vai-te foder cabrão” (F11, fragmento discursivo)	2	4	(D3.2.24)	Superioridad	“Ele atacou-me e eu sobrevivi” (F11, fragmento discursivo)	7	7
(D3.2.12)	Incómodo	“Era desorganizador” (F1, notas de terreno)	2	3	(D3.2.25)	Solidão	“Sozinho a voar” (F11, fragmento discursivo)	4	12
(D3.2.13)	Incompreensão	“Eu não percebo porque é que tiras as coisas” (F11, fragmento discursivo)	6	19	(D3.2.26)	Tristeza	“Vinha com um olhar apagado e um corte na casa” (F13, observação)	4	10
(D3.2.14)	Indiferença	“Talvez eu ainda tivesse o nome de Mariana” (F11, notas de terreno)	7	51	(D3.2.27)	Vontade de morrer	“A única coisa que quero é morrer” (F11, fragmento discursivo)	2	3

**E. Necessidade (categoria de 1ª ordem)** - Nesta categoria cotaram-se todas as unidades de registo relativas às necessidades do participante

## E1 Alimentação - Nesta categoria cotaram-se todas as unidades de registo relativas à necessidade de alimentação

<b>Código</b>	<b>Designação</b>	<b>Descrição</b>	<b>Exemplo</b>	<b>Fontes</b>	<b>Referências</b>
(E1.1)	Café	Cotam-se nesta categoria todas as unidades de registo referentes ao consumo de café	<i>“Já nem é preciso pedir, vem um café com bagaço mal entro” (F5, fragmento discursivo)</i>	2	7
(E1.2)	Refeição completa	Cotam-se nesta categoria todas as unidades de registo referentes a refeições completas	<i>“O jantar é servido logo que chega” (F5, observação)</i>	7	15
(D1.3)	Restos de comida	Cotam-se nesta categoria todas as unidades de registo referentes a restos de comida	<i>“Oferecem-lhe uns pães ou restos de comida durante o dia” (F5, notas de terreno)</i>	2	2

## E2. Dinheiro - Nesta categoria cotaram-se todas as unidades de registo relativas ao dinheiro/necessidades económicas

<b>Código</b>	<b>Designação</b>	<b>Descrição</b>	<b>Exemplo</b>	<b>Fontes</b>	<b>Referências</b>
(E2.1)	Esmola	Cotam-se nesta categoria todas as unidades de registo referentes à esmola	<i>“Recebe doações em dinheiro” (F5, notas de terreno)</i>	1	1
(E2.2)	Reforma	Cotam-se nesta categoria todas as unidades de registo referentes à reforma	<i>“Recebeu o dinheiro da reforma” (F8, notas de terreno)</i>	1	1

## E3 Habitação - Nesta categoria cotaram-se todas as unidades de registo relativas à habitação

<b>Código</b>	<b>Designação</b>	<b>Descrição</b>	<b>Exemplo</b>	<b>Fontes</b>	<b>Referências</b>
(E3.1)	Quarto	Cotam-se nesta categoria todas as unidades de registo referentes ao quarto	<i>“Chega ao quarto e vai dormir” (F5, notas de terreno)</i>	3	7

## E4 Higiene - Nesta categoria cotaram-se todas as unidades de registo relativas às necessidades de higiene

<b>Código</b>	<b>Designação</b>	<b>Descrição</b>	<b>Exemplo</b>	<b>Fontes</b>	<b>Referências</b>
(E4.1)	Banho	Cotam-se nesta categoria todas as unidades de registo referentes ao banho	<i>“Fecharem o café para dar banho ao António” (F4, observação)</i>	1	5
(E4.2)	Necessidades fisiológicas	Cotam-se nesta categoria todas as unidades de registo referentes às necessidades fisiológicas	<i>“Faz as necessidades no próprio corpo” (F4, notas de terreno)</i>	2	3

## E5 Locomoção - Nesta categoria cotaram-se todas as unidades de registo relativas às necessidades de higiene

<b>Código</b>	<b>Designação</b>	<b>Descrição</b>	<b>Exemplo</b>	<b>Fontes</b>	<b>Referências</b>
(E5.1)	Cadeira elétrica	Cotam-se nesta categoria todas as unidades de registo referentes à cadeira elétrica	<i>“Dinheiro para lhe comprar uma cadeira de rodas elétrica” (F7, notas de terreno)</i>	4	21
(E5.2)	Cadeira manual	Cotam-se nesta categoria todas as unidades de registo referentes à cadeira manual	<i>“O percurso do café a casa demorava 45 min” (F7, notas de terreno)</i>	5	5
(E5.3)	Muletas	Cotam-se nesta categoria todas as unidades de registo referentes às muletas	<i>“Sentado num degrau, com as muletas, a jantar” (F1, observação)</i>	1	1

## E6 Roupas - Nesta categoria cotaram-se todas as unidades de registo relativas a roupa

<b>Código</b>	<b>Designação</b>	<b>Descrição</b>	<b>Exemplo</b>	<b>Fontes</b>	<b>Referências</b>
(E6.1)	Peças de vestuário	Cotam-se nesta categoria todas as unidades de registo referentes a peças de vestuário	<i>“Davam-lhe roupas novas (camisola)” F4, observação</i>	3	5

E7 Saúde - Nesta categoria cotaram-se todas as unidades de registo relativas à saúde

<b>Código</b>	<b>Designação</b>	<b>Descrição</b>	<b>Exemplo</b>	<b>Fontes</b>	<b>Referências</b>
(E7.1)	Hospitalizações	Cotam-se nesta categoria todas as unidades de registo referentes a hospitalizações	<i>“O António dá muitas vezes entrada nos hospitais” (F12, notas de terreno)</i>	2	15
(E7.2)	Feridas	Cotam-se nesta categoria todas as unidades de registo referentes a feridas	<i>“Estava com sangue e feridas na cabeça” (F1, observação)</i>	2	4

E8 - Tabaco e álcool - Nesta categoria cotaram-se todas as unidades de registo relativas ao consumo de tabaco e álcool

<b>Código</b>	<b>Designação</b>	<b>Descrição</b>	<b>Exemplo</b>	<b>Fontes</b>	<b>Referências</b>
(E8.1)	Bebidas	Cotam-se nesta categoria todas as unidades de registo referentes a bebidas alcoólicas	<i>“Cervejas fresquinhas” (F5, fragmento discursivo)</i>	6	21
(E8.2)	Tabaco	Cotam-se nesta categoria todas as unidades de registo referentes ao tabaco	<i>“Os seus cigarros com cara de índio” (F2, notas de terreno)</i>	2	6
(E8.2)	Isqueiros	Cotam-se nesta categoria todas as unidades de registo referentes a isqueiros	<i>“Isqueiros com lanternas!” (F1, notas de terreno)</i>	2	6

**F. Pessoas (categoria de 1ª ordem)** - Nesta categoria cotaram-se todas as unidades de registo relativas às pessoas/relações

F1 Personagens - Nesta categoria cotaram-se todas as unidades de registo relativas às personagens que emergem nas fontes

<b>Código</b>	<b>Designação</b>	<b>Descrição</b>	<b>Fontes</b>	<b>Referências</b>
(F1.1)	António	Cotam-se nesta categoria todas as unidades de registo referentes ao António	15	259
(F1.2)	Carlos	Cotam-se nesta categoria todas as unidades de registo referentes ao Carlos	1	3
(F1.3)	Empregado tasca	Cotam-se nesta categoria todas as unidades de registo referentes ao empregado da tasca	1	3
(F1.4)	Guarda	Cotam-se nesta categoria todas as unidades de registo referentes ao guarda prisional	1	2
(F1.5)	João	Cotam-se nesta categoria todas as unidades de registo referentes ao João	2	18
(F1.6)	Maria	Cotam-se nesta categoria todas as unidades de registo referentes à Maria	7	25
(F1.7)	Mariana	Cotam-se nesta categoria todas as unidades de registo referentes à Mariana	12	96
(F1.8)	Merceeiro	Cotam-se nesta categoria todas as unidades de registo referentes ao merceeiro	2	2
(F1.9)	Pedro	Cotam-se nesta categoria todas as unidades de registo referentes ao Pedro	5	25
(F1.10)	Polícia	Cotam-se nesta categoria todas as unidades de registo referentes ao Polícia	2	6
(F1.11)	Recluso	Cotam-se nesta categoria todas as unidades de registo referentes ao recluso	2	6
(F1.12)	Rui	Cotam-se nesta categoria todas as unidades de registo referentes ao Rui	11	45
(F1.13)	Senhor do lixo	Cotam-se nesta categoria todas as unidades de registo referentes ao senhor do lixo	1	1
(F1.14)	Taxista	Cotam-se nesta categoria todas as unidades de registo referentes ao taxista	1	1
(F1.15)	Transeuntes	Cotam-se nesta categoria todas as unidades de registo referentes aos transeuntes	5	13

**F2 Tipos de relações - Nesta categoria cotaram-se todas as unidades de registo relativas aos tipos de relações**

<b>Código</b>	<b>Designação</b>	<b>Descrição</b>	<b>Exemplo</b>	<b>Fontes</b>	<b>Referências</b>
(F2.1)	Desconhecidos	Cotam-se nesta categoria todas as unidades de registo referentes a interações com desconhecidos	<i>“Via uma pessoa na rua e era capaz de lhe cuspir” (F16, fragmento discursivo)</i>	8	21
(F2.2)	Relações de proximidade	Cotam-se nesta categoria todas as unidades de registo referentes a interações com o grupo de pares	<i>“É este grupo, que o aceita como ele é” (F10, fragmento discursivo)</i>	14	161
(F2.3)	Relações superficiais	Cotam-se nesta categoria todas as unidades de registo referentes a interações superficiais/instrumentais	<i>“É exemplo disso o senhor do lixo” (F2, observação)</i>	7	39

**G Espaços (categoria de 1º ordem) - Nesta categoria cotaram-se todas as unidades de registo relativas aos espaços**

<b>Código</b>	<b>Designação</b>	<b>Descrição</b>	<b>Exemplo</b>	<b>Fontes</b>	<b>Referências</b>
(G1)	À frente café	Cotam-se nesta categoria todas as unidades de registo referentes a episódios à frente do café	<i>“Começou a acelerar com a cadeira” (F9, observação)</i>	3	12
(G2)	Capelas	Cotam-se nesta categoria todas as unidades de registo referentes a episódios em tascas/cafés onde ele bebe	<i>“Vai visitar as capelas e dizer olá aos santinhos” (F5, notas de terreno)</i>	1	8
(G3)	EP Porto	Cotam-se nesta categoria todas as unidades de registo referentes a episódios no estabelecimento prisional	<i>“O António foi preso” (F12, notas de terreno)</i>	3	19
(G4)	Gaia	Cotam-se nesta categoria todas as unidades de registo referentes a episódios em Gaia	<i>“Fomos a Gaia” (F7, notas de terreno)</i>	1	3
(G5)	Mercearia	Cotam-se nesta categoria todas as unidades de registo referentes a episódios na mercearia	<i>“Foi comprar uma cerveja” (F2, notas de terreno)</i>	2	5
(G6)	O café	Cotam-se nesta categoria todas as unidades de registo referentes a episódios no café	<i>“Tinha de ir ao café” (F10, fragmento discursivo)</i>	11	108
(G7)	Residência	Cotam-se nesta categoria todas as unidades de registo referentes a episódios na sua residência/casa	<i>“Foi para sua casa” (F1, observação)</i>	3	8
(G8)	Rotunda	Cotam-se nesta categoria todas as unidades de registo referentes a episódios na rotunda	<i>“Estava quase sempre estendido no chão”(F1, observação)</i>	4	34
(G9)	Rua	Cotam-se nesta categoria todas as unidades de registo referentes a episódios na rua	<i>“Encontrei o António na rua” (F8, fragmento discursivo)</i>	2	14

**H. Consumos (categoria de 1ª ordem) - Nesta categoria cotaram-se todas as unidades de registo relativas aos consumos**

**H1 Estado mental - Nesta categoria cotaram-se todas as unidades de registo relativas aos diferentes tipos de embriaguez**

<b>Código</b>	<b>Designação</b>	<b>Descrição</b>	<b>Exemplo</b>	<b>Fontes</b>	<b>Referências</b>
(H1.1)	Estado Meigo	Cotam-se nesta categoria todas as unidades de registo referentes a episódios em que está “quase-sóbrio”	<i>“O António quase-sóbrio estava de volta” (F10, observação)</i>	6	36
(H1.2)	Estado palhaço	Cotam-se nesta categoria todas as unidades de registo referentes a episódios em que está inquieto, falante e consciente	<i>“Ele abanava muito expressivamente as mãos e braços” (F11, observação)</i>	5	39
(H1.3)	Estado terramoto	Cotam-se nesta categoria todas as unidades de registo referentes a episódios em que está violento e indiferente à realidade alheia	<i>“Ele trinca-me a bochecha com força” (F11, notas de terreno)</i>	6	33
(H1.4)	Estado furacão	Cotam-se nesta categoria todas as unidades de registo referentes a episódios em que está sonolento, indiferente, “autodestrutivos” ou em coma	<i>“Para além do corpo ‘morto’, via uma garrafa de álcool” (F16, observação)</i>	5	18
(H1.5)	Sóbrio	Cotam-se nesta categoria todas as unidades de registo referentes a episódios em que está sóbrio	<i>“Disse-me que não se lembrava de nada” (F13, notas de terreno)</i>	1	3

H2 Tipos de bebidas - Nesta categoria cotaram-se todas as unidades de registo relativas aos tipos de bebidas

<b>Código</b>	<b>Designação</b>	<b>Descrição</b>	<b>Exemplo</b>	<b>Fontes</b>	<b>Referências</b>
(H2.1)	Bagaço	Cotam-se nesta categoria todas as unidades de registo referentes ao consumo de bagaço	<i>“Um café e um bagaço” (F16, fragmento discursivo)</i>	4	10
(H2.2)	Cerveja	Cotam-se nesta categoria todas as unidades de registo referentes ao consumo de cerveja	<i>“Estava com uma cerveja ao seu lado” (F2, observação)</i>	6	17
(H2.3)	Champagne	Cotam-se nesta categoria todas as unidades de registo referentes ao consumo de champagne	<i>“Foi servido champagne no final” (F9, observação)</i>	1	1
(H2.4)	Vinho	Cotam-se nesta categoria todas as unidades de registo referentes ao consumo de vinho	<i>“Vinho e cerveja” (F9, notas de terreno)</i>	3	5

**I Irrelevante (categoria de 1ª ordem)** - Nesta categoria cotaram-se todas as unidades de registo consideradas irrelevantes para a resposta às QI

<b>Código</b>	<b>Designação</b>	<b>Descrição</b>	<b>Exemplo</b>	<b>Fontes</b>	<b>Referências</b>
-	-	Cotam-se nesta categoria todas as unidades de registo irrelevantes para a resposta às questões de investigação	<i>“Perguntei se me podia sentar” (F1, notas de terreno)</i>	17	154